



Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

jul-ago de 2014



Exemplar avulso: R\$ 11,96



As 2 faces do

ECUMENISMO

Um vírus a ser combatido, p. 15

Revelações da Divindade, p. 24



O valor das pequenas coisas

Os pastores lideram como visionários. Eles veem o futuro, não apenas o “aqui e agora”; observam o quadro mais amplo. Essa capacidade para imaginar e sonhar incorpora um dos mais importantes ingredientes para o êxito da liderança. Porém, o pastor de êxito não somente visiona, mas também tem a capacidade de focalizar as pequenas coisas. Muitos pastores que poderiam ter experimentado grande êxito têm fracassado porque falharam nas pequenas coisas, embora tenham sido chamados por Deus, sejam dotados pelo Espírito Santo, tenham compreendido a teologia, sejam hábeis na pregação e expansivos na visão.

Ellen G. White fala sobre as qualidades que contribuem para o êxito no ministério cristão. Ela diz: “É dever de todo cristão adotar hábitos de ordem, perfeição e presteza.”¹

O ponto essencial nessa questão é que, conforme Malcolm Gladwell afirmou, “pequenas coisas podem fazer enorme diferença”. Ele usa vários exemplos para confirmar seu

argumento, mostrando como funcionam os movimentos sociais, o desenvolvimento das tendências da moda, como as doenças se tornam epidêmicas ou pandêmicas, como algumas formas de comportamento desenvolvem crimes. Segundo o argumento dele, o que frequentemente conta para o sucesso não é o que acontece através de planos estratégicos, alvos, ou calendário de um líder ou organização, mas as pequenas coisas que produzem equilíbrio, movendo do ordinário ao extraordinário.²

Assim, embora o líder visionário possa focalizar o quadro maior, deve se lembrar de que o sucesso consiste de ações específicas e reações particulares. Tarefas complexas são efetivamente cumpridas somente quando aprendemos a fragmentar a complexidade em passos simples. As coisas que às vezes sobrecarregam nosso ministério podiam ser tornadas mais exequíveis se aprendêssemos a dar maior atenção às pequenas coisas. Porém, isso não significa que devamos nos limitar à microgestão, porque assim perderíamos os quadros maiores que equilibram as pequenas coisas. Stephen Covey³ afirma que há muitas

pequenas coisas efetivas na construção do depósito emocional de um líder. Sete dessas coisas são apresentadas aqui em forma de paráfrase:

Seja empático, não ignore o sofrimento das pessoas.

Seja responsivo, aprenda a dar retorno à comunicação, mantendo-a aberta.

Seja pontual, reconheça que horas e dias são feitos de minutos.

Seja atencioso, especialmente para com as crianças.

Seja cuidadoso no cumprimento de promessas e no atendimento de compromissos.

Seja reconhecido; lembre-se de congratular-se pelos pequenos esforços de outros.

Seja atento ao protocolo. Muita reunião pública fracassa por causa da falta de compreensão do líder a respeito de protocolos.

Nosso exemplo supremo na atenção às pequenas coisas é Jesus. Ao chegar ao templo, Ele poderia ter omitido a viúva pobre que ofereceu duas moedas, mas não o fez.

Sua observação desafiou a ostentação dos fariseus e alimentou a fé dos discípulos (Mc 12:43; Lc 21:2). Certa ocasião, o Mestre sentiu ter saído de Ele virtude, ao ser tocado nas vestes por uma mulher. O toque foi uma pequena coisa comparada com os empurrões da multidão, e podia ter sido ignorado, mas o comentário do Mestre atraiu a atenção dos líderes religiosos e denunciou a falta de compaixão deles. Recebendo cura e perdão, a mulher compreendeu que seu toque não atraiu nenhum poder mágico, porém ela havia entrado em contato com o Deus vivo (Mt 9:20, 21).

Por preceito e exemplo, Ele ensinou o que nós devemos aprender e praticar: “Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito, e quem é desonesto no pouco, também é desonesto no muito” (Lc 16:10). ▀

*“Quem é fiel no pouco,
também é fiel no muito”*

Referências:

¹ Ellen G. White, *Serviço Cristão*, p. 237.

² Malcolm Gladwell, *The Tipping Point: How Little Things Can Make a Big Difference* (Nova York: Little, Brown and Company, 2003), p. 15-19.

³ Stephen R. Covey, *Os 7 Hábitos das Pessoas Muito Eficazes* (São Paulo, SP: Editora Best Seller).

Editor:

Zinaldo A. Santos

Editor Associado:

Márcio Nastrini

Assistente de Editoria:

Lenice F. Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Projeto Gráfico:

Marcos S. Santos

Ilustração da Capa:

© 4U4ELO4EBURA\$HKI / Fotolia

Fotos internas:

William de Moraes (Editor),

Ministry e cortesia dos autores

Colaboradores Especiais:

Carlos Hein; Jerry Page; Derek Morris.

Colaboradores:

Antônio Moreira; Cícero Gama; Cláudio

Leah; Edilson Valiante; Edinson Vasquez;

Eliézer Júnior; Enzo Chaves; Eufrazio

Quispe; Fabian Marcos; Geovane Souza;

Horácio Cayrus; Jair Góis; Mitchel Urbano;

Nelson Filho; Pablo C. Garcia; Waldony Fiúza

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Marcos de Benedicto

Redator-Chefe Associado:

Vanderlei Dorneles

SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaeministerio

Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 58,10

Exemplar Avulso: R\$ 11,96



Editora da Igreja Adventista do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Editora Afiliada

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total

ou parcial, por qualquer meio,

sem prévia autorização escrita

do autor e da Editora.



Em busca do rebanho invisível

O cenário parece estar pronto. Há instabilidade econômica, corrupção no mundo político, conflitos internacionais, calamidades naturais, violência desenfreada, sucateamento de valores, entre outras coisas. Talvez estejam faltando detalhes de acabamento. Líderes governamentais e outras autoridades planejam e dialogam em busca de soluções, mas há sinais de uma velada e crescente convicção de que elas estão muito além do que a mentalidade humana pode arquitetar. Os protagonistas terrestres movem-se nos bastidores, sob o controle do Diretor do espetáculo, embora não tenham consciência disso. Ele é quem determina o tempo, e o roteiro profético não será alterado.

Dentro em breve, as cortinas serão descerradas. Então, todos entenderão que não são apenas espectadores passivos, mas atores com participação destacada nos momentos decisivos da trama que nada tem de ficção. O ponto culminante dessa participação é sua chegada à encruzilhada em que são chamados a decidir entre servir a Deus ou ao anticristo; escolher entre obedecer às verdades da Palavra de Deus ou aos decretos e tradições humanas. Nesse ponto, recrudescerá a intolerância estabelecida e apoiada por uma união de forças religiosas e políticas do mundo, e todos decidirão seu destino eterno.

Porém, até que cheguemos a esse momento decisivo, devemos ter sempre em mente que nossa missão inclui o dever de nos aproximarmos de outros cristãos a fim de, amorosamente, adverti-los quanto à direção em que marcha o mundo religioso. Em todas as igrejas, há pessoas sinceras que não devem ser deixadas à margem dos nossos esforços missionários e evangelísticos. Entre essas pessoas estão pastores com os quais devemos desenvolver amizade sincera.

Nesse sentido, é-nos aconselhado o seguinte: “Importa que seja sempre manifesto que somos reformadores, mas não fanáticos. Quando nossos obreiros entram em um novo campo, devem procurar relacionar-se com os pastores das várias igrejas do lugar. Muito se tem perdido por negligenciar isto. Se nossos pastores se mostrarem amigáveis e sociáveis, e não agirem como se se envergonhassem da mensagem que apresentam, isto há de ter excelente efeito, e podem dar a esses pastores e a suas congregações impressões favoráveis da verdade...”

“Nossos obreiros devem ser muito cuidadosos em não darem a impressão de ser lobos que se procuram introduzir para apanhar as ovelhas, mas deixar que os pastores compreendam sua posição e o objetivo da missão que lhes cabe – chamar a atenção do povo para as verdades da Palavra de Deus” (Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 143, 144).

Quem sabe, devamos ser mais insistentes no desenvolvimento de planos que nos que ajudem a alcançar esse rebanho invisível. Afinal, o clímax do espetáculo já não pode demorar! ▀

Zinaldo A. Santos

10 PROFETAS NO PENTATEUCO

O livro de Números e o dom profético.

13 DESAFIOS ANIMADORES

Como podemos superar os desafios que têm ameaçado as denominações cristãs.

15 UM VÍRUS A SER COMBATIDO

Previna-se contra um mal que emperra o crescimento de muitas igrejas.

17 AS DUAS FACES DO ECUMENISMO

Por que devemos, e até que ponto podemos caminhar com outros grupos cristãos?

21 NOS PASSOS DO APÓSTOLO

O que podemos aprender do trabalho de Paulo em Corinto.



Foto: © Sergey Nivens / Fotolia

24 REVELAÇÕES DA DIVINDADE

Estudo das visões que o profeta Ezequiel recebeu sobre o Deus triúno.

28 RETRATO DE UM MUNDO PLURALISTA

Aparentes impossibilidades se tornam oportunidades para a igreja adventista.

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

32 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“Os anjos de Deus veem nas diversas denominações muitos que só podem ser alcançados com a maior precaução... Falem a verdade em tons e palavras de amor. Cristo Jesus seja exaltado.”

Ellen G. White

Deus me sustentou



Foto: Adventist News Network

“Sempre mantive a crença de que o Senhor estava comigo. Portanto, não desesperaria. Como Paulo, eu não era prisioneiro do Togo, mas de Cristo”

por Delbert Baker

No dia 15 de março de 2012, Antônio Monteiro dos Anjos, pastor adventista em Cabo Verde, foi acusado falsamente, condenado e encarcerado numa prisão em Lomé, Togo. Depois de 22 meses, finalmente o Tribunal de Apelações do Togo o inocentou de todas as acusações, libertando-o no dia 13 de janeiro deste ano.

Depois da libertação, o pastor Monteiro passou o primeiro sábado com a família dele em Dakar, Senegal, onde concedeu esta entrevista ao pastor Delbert Beker, vice-presidente da Associação Geral dos Adventistas. Em seguida, Monteiro voltou para Cabo Verde, onde aproximadamente mil pessoas o receberam calorosamente no aeroporto da capital, Praia.

Aqui estão os principais trechos da entrevista.

Ministério: *Como o senhor resume sua experiência de ter passado quase dois anos na prisão, por um crime que não cometeu?*

Monteiro: Um homem, que eu nunca tinha visto antes, veio ao meu escritório em busca de assistência, e eu o ajudei. Algum tempo depois, esse homem acusou a mim e outras pessoas por um crime sobre o qual eu nada sabia. Como resultado, fui julgado, condenado e preso. Isso foi como se o céu tivesse desabado sobre mim. O tema do último sermão que preguei antes de ser preso foi reavivamento e reforma. Eu não sabia quanto necessitaria me lembrar, pouco tempo depois, dos princípios bíblicos apresentados naquela mensagem. Minha fé foi provada, mas Deus me sustentou.

Ministério: *Quais foram seus sentimentos, ao ouvir o veredito de sua inocência?*

Monteiro: Senti-me extremamente grato a Deus, aliviado e feliz. Lembro-me de que, quando o juiz leu a declaração cheia de termos técnicos jurídicos, os dois guardas que me escoltavam viraram-se discretamente

para mim e disseram: “Você está livre.” Foi uma emoção indescritível! Então pensei: “Será maravilhoso estar novamente com minha família!”

Ministério: *Quais foram os fatores que contribuíram para sua libertação?*

Monteiro: Primeiramente, a intervenção direta de Deus. Ele trabalhou por meio de pessoas queridas. Eu poderia ter sido abandonado e esquecido na prisão, mas minha família, meus irmãos em Cristo, líderes de todos os níveis da Igreja e colegas de ministério não se esqueceram de mim em suas orações. Ele trabalhou em meu favor por meio das autoridades governamentais e jurídicas de Cabo Verde. O poder de Deus é magnífico!

Ministério: *O senhor tem alguma ideia das razões pelas quais Deus permitiu essa experiência?*

Monteiro: Não tenho explicações. Parece que Deus tinha um grande propósito a ser cumprido. Na

verdade, entendo que não precisamos ter todas as respostas para tudo o que nos acontece. Simplesmente, enfrentaremos algumas situações na vida. Minha maior preocupação era com minha família. Se algo ruim acontecesse a ela, teria sido muito pior para mim.

Ministério: *Sentiu ódio ou ira, enquanto esteve preso?*

Monteiro: Não; nem ódio nem ira. Eu sabia que as acusações não tinham fundamento, e que eu era apenas um injustiçado. No início, eu perguntava: “Por que isso está acontecendo?” Depois, passei a perguntar: “O que Deus quer me ensinar com essa situação?” Então, decidi não alimentar sentimentos negativos, mas usar a experiência para meu aprendizado e crescimento. Vi muitos outros prisioneiros que estavam irados, odiosos e deprimidos o tempo todo. Vi o que o ódio e amargura podem fazer para envenenar os relacionamentos. Não quero isso para mim!

Ministério: *O que o senhor tem a dizer sobre as outras pessoas que foram acusadas com o senhor, mas não estão livres?*

Monteiro: Alguém me disse, e eu acredito, que eu tinha uma missão naquela cadeia. Eu não saíria de lá, antes que essa missão fosse cumprida. Assim foi comigo e eu creio que é com os demais. Deus esteve comigo durante o cumprimento dessa missão, e estava comigo quando fui libertado. Assim será com aquelas pessoas. Quando eu saí, falei ao irmão Amah e aos demais, a quem respeito e em cuja inocência creio firmemente, que eles devem continuar o trabalho que iniciamos. Oro para que Deus prossiga trabalhando com eles. Continuo em contato com eles e apoiando-os.

Ministério: *Que teria acontecido se o senhor não tivesse sido libertado?*

Monteiro: Felizmente, essa é uma boa pergunta com a qual não preciso me preocupar [risos]. Mas, quando eu estava preso, realmente acreditava que Deus me libertaria. Ele me impressionava com esse pensamento. Porém, eu também sabia que não podia falar muito sobre essa convicção. Ademais, embora eu acreditasse que Deus me libertaria, estava preparado para permanecer na prisão ou para fazer qualquer sacrifício que fosse exigido de mim.

“Sou grato pelo amor, apoio e pelas orações de todos, durante o tempo em que estive preso”

Ministério: *O senhor ajudou alguém que depois o acusou falsamente. Deixaria de ajudar pessoas, por causa dessa experiência?*

Monteiro: Absolutamente, não! Nada do que me aconteceu me impede de continuar ajudando outros. O fato de que coisas indesejáveis aconteçam a nós não deve nos impedir de fazer o bem. Jesus fez somente o bem e morreu numa cruz. Na prisão, eu pude ajudar mais pessoas do que imaginava. Entretanto, é certo que, ao ajudarmos pessoas que nos procuram, devemos ser sábios e tomar precauções.

Ministério: *De que maneira o senhor acha que sua experiência espiritual o preparou para esse teste?*

Monteiro: Deus não permite vir sobre nós nenhuma tentação ou prova que não possamos administrar. Creio que Ele nos prepara para o que tivermos que enfrentar. Sim, minha experiência anterior com Deus me ajudou a conviver com essa situação e adquirir crescimento. À semelhança de Cristo, eu pedia: “Pai, se possível, passa de mim este cálice”; então acrescentava: “Não seja como eu

quero, mas como Tu queres.” Esses pensamentos não vêm apenas uma vez, mas constantemente vêm, vão e voltam. Toda vez que somos tentados a duvidar, devemos dar lugar à fé.

Ministério: *Como era o dia na prisão?*

Monteiro: Estive numa prisão construída para cerca de 500 presos, mas abrigava quase dois mil. Éramos aproximadamente 25 homens em quartos apertados, sem janelas nem ar condicionado. Acordávamos cedo, eu tomava tempo para devoção pessoal, então íamos para o pátio. Para muitos prisioneiros, a comida era indigna de ser chamada de alimento. Na verdade, liberdades básicas nos eram negadas. Às 17h30, os guardas nos trancavam no quarto e ninguém podia sair, nem eles podiam entrar até às seis da manhã. Não havia camas, apenas esteiras no chão duro. Havia um balde grande no meio do quarto que todos usavam para toilette. Não havia privacidade, vivíamos em condições indesejáveis. Nesse ambiente, havia doenças e o potencial para brigas. Porém, fui abençoado com a maneira pela qual os outros presos me respeitavam e tratavam, além do fato de que nunca fiquei doente.

Ministério: *Pessoas de todo o mundo o visitaram na prisão. O que isso representou para o senhor?*

Monteiro: As visitas eram animadoras. Pude compreender melhor o que a Bíblia diz quando nos aconselha a visitar prisioneiros. Cada visita era um testemunho e demonstração de amor e apoio. O ponto alto das visitas era a presença da minha esposa. Era-lhe permitido me levar comida e ela fazia isso todos os dias. Meus filhos também me visitavam. Recebi a visita de líderes da União, pastores, membros da igreja, representantes da Divisão e da Associação Geral. Uma das visitas especiais foi a do pastor Ted Wilson. Todos ficaram

impressionados com o fato de que o presidente mundial da Igreja Adventista tomasse tempo para me visitar.

Ministério: *Quais são as lições dessa experiência?*

Monteiro: A primeira foi a lição de perdoar sem ressentimentos. Havia a tentação para ser odioso e amargurado. Mas, lembrei-me de que Jesus também foi acusado falsamente, mesmo por alguns de Seus seguidores. Então, resolvi perdoar sem ressentimentos. Por causa disso, consegui me relacionar cordialmente com o homem que me acusou e que foi confinado na mesma prisão. Isso me deu entusiasmo espiritual. A segunda lição foi a aceitação sem renúncia. Eu não podia prever meu futuro, mas aceitei minha condição. Eu acreditava que seria liberto em algum momento, embora não soubesse como nem quando isso aconteceria. Portanto, eu não falava para ninguém qual seria minha reação se não acontecesse. Isso porque eu não queria que alguém pensasse que eu estava hesitante ou inseguro. A terceira lição foi a da compaixão e generosidade. Na prisão há sempre pessoas necessitadas. Então, amor e bondade foram muito importantes. Havia muitos internos num lugar pequeno e, naquela situação, a necessidade de mostrar o amor de Cristo era real. Quando havia prisioneiros necessitando de dinheiro, desanimados ou com fome, eu procurava ajudar dentro das possibilidades. Quando estavam prontos para brigar, lá estava eu trabalhando pela reconciliação. Sempre que tinha oportunidade, eu compartilhava o evangelho. Quarta lição: confiança persistente em Deus. Eu mantinha a crença de que Ele estava ali comigo. Portanto, não me desesperaria. Lembrei-me de personagens da Bíblia que estiveram em prisões: José, Daniel, Jeremias, Paulo e outros, e me animava. Como Paulo, eu não era prisioneiro do Togo, mas de Cristo.

A quinta lição: aproveitar sabiamente o tempo. Eu tinha o tempo em minhas mãos. Podia desperdiçá-lo, ou usá-lo para crescimento mental e espiritual. Então, lia a Bíblia e outros livros, revistas, orava e preparava mensagens. Preguei, ensinei e aconselhei. Tentei usar o tempo da maneira mais proveitosa.

“Deus não permite vir sobre nós nenhuma tentação ou prova que não possamos administrar”

Ministério: *Como lhe foi possível exercer o ministério do perdão?*

Monteiro: Simplesmente perdoei. À luz de minha decisão de não me tornar amargurado, resolvi perdoar assim como Deus me perdoou. Vingança não compensa. As pessoas me viam tratar bondosamente meu acusador e perguntavam como eu podia fazer isso. Essa demonstração de perdão abriu muitas portas ao testemunho e comecei a fazer a diferença. A prisão se tornou mais pacífica. Alguns diziam: “Não podemos brigar tendo o pastor Monteiro por perto.” [risos]. O perdão é poderoso e contagioso!

Ministério: *Há fotografias em que o senhor aparece realizando batismos e cerimônias de Santa Ceia.*

Monteiro: A prisão era um território evangelístico. Havia internos precisando de ajuda e, principalmente, de Cristo. Assim que cheguei, fui apresentado como pastor adventista do sétimo dia. Os prisioneiros quiseram que eu pregasse e estudasse a Bíblia com eles. Assim fiz, além de distribuir literatura levada pelos irmãos da igreja. Então, organizamos grupos de estudos bíblicos. Tínhamos um dia especial de oração em favor do Togo. Pela primeira vez, muçulmanos, católicos, protestantes e

outros religiosos se reuniram para confraternizar e orar pelo país. Tudo isso criou unidade na prisão.

Ministério: *Foi difícil testemunhar?*

Monteiro: Às vezes era difícil, mas também havia alegria, especialmente quando podíamos ver orações respondidas e vidas transformadas. Eu não fui para lá com um plano de evangelismo. O plano foi desenvolvido à medida que a oportunidade aparecia. Eu pregava às terças e quintas-feiras, e dava estudos nos outros dias. Houve um batismo de nove detentos e cerimônias de Santa Ceia.

Ministério: *Quais são seus planos daqui para frente?*

Monteiro: Meu desejo é ministrar e ajudar as pessoas. Tenho um pastorado na Associação de Cabo Verde, depois tenho grande interesse no ministério em prisões. Penso que posso usar nesse trabalho a minha experiência. Esse é um ministério que Cristo incentiva e muito pode ser feito nessa área.

Ministério: *Qual é sua mensagem para os adventistas que, em todo o mundo, oram em seu favor?*

Monteiro: Tenho uma mensagem de gratidão. Sou grato pelo amor, apoio e pelas orações de todos, durante o tempo em que estive preso. O amor de minha família e de toda a igreja estará sempre comigo. Sou grato pelo apoio da liderança mundial e da Divisão Centro-Oeste Africana da Igreja Adventista; isso foi um testemunho poderoso para o governo e o povo do Togo. Foi também uma demonstração para meu país de que os adventistas são unidos e solidários. As palavras nunca expressarão plenamente minha gratidão. Tenho muito a agradecer a todos! ▀

Na entrevista anterior, onde se lê: “Cada ano, aproximadamente 150 milhões de cristãos são assassinados” (p. 7), leia-se: “150 mil cristãos”.



O poder do exemplo

Lembretes sobre o dever de evitar tudo o que possa ser usado pelo inimigo com o objetivo de prejudicar a causa de Deus

De acordo com especialistas, a ética estuda o comportamento humano. Em termos simples, podemos dizer que a ética responde à pergunta: “Que devo fazer ou como devo agir?” A partir desse ponto de vista, a ética exige maior atenção de nossa parte, como esposas de pastor, ao continuamente servirmos os outros, razão pela qual devemos considerar nossa maneira de atuar em cada situação.

Como filhas de Deus, fomos chamadas a um elevado padrão de conduta, tendo como base a conduta de Deus, conforme revelada nas Escrituras. Ou seja, quando Ele nos desafia para que sejamos santas, é porque Ele mesmo é santo (1Pe 1:14-16). Essa santidade envolve nosso relacionamento com Ele, cuja influência deve ser vista em nossas motivações pessoais e na maneira de nos relacionarmos com a família, igreja, colegas e com a sociedade (Tt 2:1-15).

Se não dermos atenção à nossa conduta, será difícil desenvolver um ministério adequado junto ao esposo. Por isso, devemos crescer em nossa experiência com Deus, a fim de que nos tornemos canais de bênçãos para nossa família, os irmãos de fé bem como para a comunidade. Neste artigo, consideramos alguns aspectos que devem ser observados no desenvolvimento da ética em nosso ministério.

Primeiro, Deus

O Senhor espera consagração total de nossa parte. De acordo com Ellen G. White, por meio da “esposa não santificada”, o inimigo busca debilitar o trabalho do pastor (*O Lar Adventista*, p. 355). Assim sendo, nenhuma de nós deve iniciar o dia sem ter um encontro pessoal com Cristo, por meio do estudo da Bíblia e da oração. Em nossa pressa para resolver assuntos cotidianos, podemos negligenciar o mais necessário, ou seja, iniciar o dia aos pés de Jesus (Lc 10:39-42). Somente assim, poderemos ser transformadas segundo a imagem dEle.

Deus espera que nos afastemos do mal, e de tudo o que tenha aparência do mal (1Ts 5:22). Continuamente, devemos perguntar a nós mesmas: “O que irei fazer agrada a Deus ou Lhe traz desonra?” Caso não tenhamos certeza de que O agradaremos, não devemos avançar na concretização do plano, seja ele qual for.

Nós mesmas

Disse Jesus: “Ame o seu próximo como a si mesmo” (Mt 22:39). Não é possível amar outras pessoas, a menos que tenhamos bom conceito a nosso respeito e busquemos nosso bem-estar em todos os sentidos. Somos importantes, não devido ao que possuímos nem

àquilo que fazemos, mas porque fomos compradas pelo sangue de Jesus (1Co 6:20). Assim sendo, devemos ter cuidado quanto à nossa alimentação, prática de atividades físicas, e manutenção de atitude mental positiva. Somos filhas de Deus!

Quando chegamos a um novo distrito, não tentemos imitar a esposa do pastor anterior. Deus nos concedeu dons e deseja que sejam utilizados. Pode ser que a esposa do pastor anterior tenha revelado habilidades especiais em algumas áreas, mas também podemos demonstrar habilidades em outras áreas do ministério. Deus nos fez únicas. Ele nos dotou de talentos especiais que devem ser desenvolvidos.

Passar muitas horas assistindo à televisão ou nas redes sociais é uma forma muito fácil de desperdiçar tempo. Pensemos em quantas coisas produtivas podemos fazer, evitando a perda de tempo. Planejemos nosso dia e nos esforcemos para cumprir o planejado.

A família

Comunicação adequada e satisfação de necessidades físicas e emocionais ajudam a manter a solidez do relacionamento, em meio às pressões do trabalho. Procuremos permanecer o máximo possível junto do esposo, principalmente em público. Essa é uma boa forma de evitar falatórios imprudentes e de proteger a relação contra potenciais tentações externas. Jamais negligenciemos a comunhão com Deus, por meio do culto familiar. Lembremo-nos de que há questões confidenciais do trabalho ministerial que compete ao esposo resguardar.

Amemos e eduquemos nossos filhos, estejamos atentas à formação espiritual deles (Ef 6:40). Enquanto eles são pequenos, o ideal é que nosso único trabalho seja o cuidado deles. Que eles jamais ouçam críticas ao ministério. Isso somente alimentará sentimentos negativos na mente deles em relação ao trabalho pastoral e à igreja. Em vez de críticas, enfatizemos diante deles o privilégio de servir a Deus.

Devemos aprender a fazer muito com pouco. Evitemos os gastos compulsivos. As extravagâncias da moda podem representar grande perigo, caso não estejamos atentas. O dinheiro deve servir para as necessidades básicas e para fazer o bem. Tudo o que estorve esses propósitos deve ser evitado. Fugamos das dívidas. Se as tivermos contraído, cumpramos fielmente os compromissos.

Colegas

Jamais falemos mal dos líderes. De fato, eles são humanos e podem errar. Caso ocorra alguma situação incômoda, o ideal é acertar as coisas pessoalmente, em espírito cristão (Mt 18:15-20). Muito menos critiquemos o casal pastoral que nos substituirá. Diante da igreja, devemos destacar positivamente a nova família ministerial. Além disso, tendo deixado o distrito, evitemos manter contato direto com irmãos daquela região. Eles devem ter tempo

para amar o novo pastor, enquanto nós devemos estar ocupados em desenvolver novas tarefas ministeriais.

Ao recebermos a visita de líderes das organizações superiores, ajudemos na coordenação do que for necessário, a fim de que tudo esteja pronto para recebê-los. Em certas ocasiões, o pastor visitante trará sua família. Que todos sejam bem atendidos.

Igreja local

O esposo é o pastor da igreja, e a ele cabe administrá-la. A esposa deve estar ao lado dele, mas não substituí-lo. Mesmo que ele esteja ausente, ela não tem autoridade para tomar decisões administrativas. Os anciãos e líderes locais assumirão esse encargo. A esposa também não deve ofuscar o esposo. Algumas entre nós podem ser até mais carismáticas, ter maior facilidade para interagir com as pessoas, mas nosso dever é potencializar o ministério do esposo, fortalecendo seus aspectos débeis, contudo sem tentar brilhar mais do que ele.

Pastores e esposas são advertidos no sentido de que “devem ser um exemplo na simplicidade do vestir; devem trajar-se com elegância, confortavelmente, usando bom material, mas evitando tudo o que se assemelhe a extravagância e adornos, mesmo que não seja dispendioso” (*Orientação da Criança*, p. 422, 423). Sejam cuidadosas com o tipo de roupa que usamos, evitemos que a maquiagem quebre o princípio da simplicidade.

O trato com pessoas nem sempre é fácil, mas o evangelho nos convida a ser gentis, mesmo com pessoas desagradáveis ou que nos tratam mal (Mt 5:39-48). Evitemos intrigas. Às vezes, é melhor receber o dano e esperar que Deus reivindique nossa causa, do que prejudicar aqueles a quem servimos (1Co 6:7; Sl 37:4-9). Devemos ser cuidadosas quanto a dar demasiada atenção a algumas pessoas, ao passo que ignoramos outras (At 10:34, 35).

Evitemos tudo o que possa ser usado pelo inimigo, para causar confusão e dano, como, por exemplo, conversar ou viajar com outros homens sem a presença de outras pessoas. Até mesmo a forma de cumprimentar deve mostrar que somos amáveis, mas que sabemos nos manter em nosso lugar. E, atenção máxima: A utilização das redes sociais tem se mostrado um campo perigosíssimo!

Muitas vezes, temos acesso a informações confidenciais de nossos irmãos ou da igreja. A ética nos impõe o dever de não divulgarmos tais assuntos a quem não corresponde, independentemente de quem seja. A fofoca é potencialmente letal e destrutiva (Sl 15:1-3; Tg 3:5).

A conduta ética é o pouco que podemos fazer em favor dAquele que deu tudo para nossa salvação. Estando atentas aos aspectos aqui mencionados, nossa conduta, em vez de trazer descrédito ao ministério, será um argumento poderoso contra os inimigos da fé e um solene chamado aos que estão no vale da decisão. Mas nada disso será possível se não vivermos perto dAquele que disse: “Não temas, que Eu te ajudo” (Is 41:13). ▀



Profetas no Pentateuco

Estudo sobre o dom de profecia no livro de Números

Ao longo do Antigo Testamento, percebe-se a comunicação de Deus com Seu povo por intermédio dos profetas, o que ocorreu em ocasiões e maneiras diversas (Hb 1:1). Porém, o profeta sempre é reconhecido como aquele que fala pelo divino, sendo que a terminologia bíblica inicial fala que o Espírito do Senhor veio sobre a pessoa, enquanto a terminologia mais tardia é: “veio a mim a Palavra do Senhor”.¹ Basicamente, os profetas comunicavam a Palavra de Deus para situações vigentes, confrontando o pecado de Israel, mas também intercediam pelo povo diante de Deus.²

Apesar de se associar profetas aos livros que escreveram ou aos livros históricos, encontramos exemplos e manifestações proféticas no Pentateuco. Aliás, é justamente no Pentateuco que ocorre a primeira menção à palavra “profeta” (Êx 4:16). No livro de Números, que narra a trajetória do povo de Israel até Canaã, em continuação aos episódios referidos no

livro de Êxodo, em meio à sua variedade de temas e gêneros literários³, há passagens que abordam o tema do dom profético.

Neste artigo, analisaremos três narrativas específicas: O episódio em que Deus derramou Seu Espírito sobre os líderes de Israel (Nm 11), a controvérsia envolvendo Moisés e seus irmãos (Nm 12) e a chamada “perícope de Balaão” (Nm 22-24). Por causa da limitação de espaço, faremos considerações pontuais sobre os três episódios, destacando o que o livro de Números ensina sobre o dom de profecia. Ao fim, apresentaremos o resumo de nosso estudo, com o esboço de uma possível teologia do referido livro sobre o dom profético.

Espírito concedido

O contexto de Números 11 trata de uma crise enfrentada pela liderança de Moisés. A queixa, fomentada por estrangeiros entre o povo (Nm 11:4), estava relacionada a razões dietéticas (Nm 11:4-6). Diante

da pressão popular (Nm 11:10), Moisés se queixou com Deus e mostrou a exaustão que sua responsabilidade lhe causara, a ponto de admitir que não tinha condições de continuar liderando sozinho o povo, preferindo a isso a própria morte (Nm 11:14, 15). Depois de atender miraculosamente a demanda do povo, Deus decidiu conceder o Espírito dado a Moisés a outros setenta líderes, que passaram a profetizar, o que fizeram apenas nessa ocasião (Nm 11:24, 25). O contexto sugere que “houve distribuição tanto qualitativa como quantitativa do Espírito do Senhor”.⁴

Curiosamente, duas autoridades que faziam parte do grupo, Eldade e Meldade, também profetizaram, fazendo-o no meio do acampamento (Nm 11:26), razão pela qual foram despedidos os ciúmes de Josué (Nm 11:29), jovem auxiliar de Moisés. Ciúme ou zelo nesse caso revela que Josué desejava que Moisés continuasse sendo o único líder.⁵ Obviamente, era um zelo fora de lugar.⁶ A resposta

de Moisés indica sua disposição de não monopolizar os dons divinos, mas de vê-los se manifestando e atuando livremente na comunidade (Nm 11:29).

Moisés e seus irmãos

Uma nova crise atingiu Moisés, segundo o capítulo 12 do livro, dessa vez com um caráter familiar. Seus irmãos passaram a criticá-lo, em decorrência da etnia de sua esposa (Nm 12:1, 2). Para resolver a questão, Deus convocou os três irmãos e, em defesa de Seu servo, explicou a diferença entre Seu contato com os profetas e a maneira como se relacionava com Moisés (Nm 11:6-8).

O termo profeta (hebraico *nabi*), que aparece no verso 6, é o mesmo referido quando Moisés expressou seu desejo de que todo o povo profetizasse (Nm 11:29). Deus tradicionalmente se comunica com os profetas por meio de sonhos (*chalom*, palavra hebraica que aparece com maior frequência no livro de Gênesis, mas apenas aqui, no livro de Números) e visões (*mar'ah*, termo usado pelos profetas, como Daniel e Ezequiel, na época do exílio). Porém, Moisés falava com Deus face a face. Quando junto com o povo, Deus a ele se manifestava por meio de Sua presença no santuário; mas quando a sós, era como se Deus lhe permitisse estar dentro da tenda sagrada.⁷ O contato de Moisés com Deus era, portanto, “mais regular e familiar” em relação àqueles que tinham experiência profética.⁸ Assim, Arão e Miriã, também relacionados entre os profetas (Dt 18:15; 34:10), deveriam respeitar seu irmão, uma vez que ele era “posto à parte e acima dos profetas”.⁹

Períclope de Balaão

Israel havia chegado à estepe de Moabe. Diante de uma eventual invasão israelita, Balaque formou uma liga Moabe-Midiã (Nm 22:4), sendo esta a solução encontrada em consenso (Nm 22:5, 6): a única forma de conter o avanço do povo santo

era amaldiçoá-lo. Para fazer isso, contactaram Balaão, tendo o cuidado de não mencionar, na mensagem destinada ao vidente, quem era o inimigo, a fim de evitar um conflito de interesses, uma vez que ele consultaria o Deus de Israel quanto a amaldiçoar Seu próprio povo.¹⁰

É muito debatida a condição de Balaão: profeta legítimo ou mero vidente? O termo que lhe é atribuído, “advinho”, é “pejorativo ou apresenta sentido negativo, especialmente nos livros proféticos”.¹¹ Por mais inverossímil que pareça esse personagem, a arqueologia descobriu um conjunto de relatos em paredes de gesso do século 8 a.C., que conserva paralelos com essa narrativa bíblica. No relato, Balaão é mencionado e descrito como estando em associação com vários deuses. Porém, não se pode descartar que ele tenha sido monoteísta antes disso, especialmente por ter vivido em uma região que o ligava aos arameus, antepassados de Abraão e seus descendentes.¹²

Outras descobertas se relacionam a Mari, cidade situada entre a Babilônia e Alepo. Ali era praticado o profetismo pagão e os achados nos informam sobre essa prática no Antigo Oriente próximo. Basicamente, havia profetas que se constituíam oráculos sacerdotais (muitos deles também praticantes da prostituição sagrada) e profetas extáticos. Embora não se explique o fenômeno da revelação entre eles, “é possível que os prognosticadores extáticos da Mesopotâmia usassem substâncias que alterassem a percepção, como álcool, haxixe ou esporão de centeio”.¹³ Esse “esporão” é uma espécie de fungo parasita conhecido como *ergot* (*Claviceps purpurea*), que afeta o centeio e outros cereais, provocando diversos sintomas, como alucinações, podendo levar à morte por envenamento.¹⁴

De acordo com Ellen G. White, Balaão tinha conhecimento (ao menos parcial) do verdadeiro Deus: “Balaão já havia sido um bom homem e profeta de Deus, mas havia apostatado e se entregado à cobiça; todavia

professava ainda ser servo do Altíssimo. Não ignorava a obra de Deus em favor de Israel; e, quando os enviados comunicaram sua mensagem, bem sabia que era seu dever recusar as recompensas de Balaque, e despedir os embaixadores. Mas arriscou-se a contemporizar com a tentação...”¹⁵ Esse é o mesmo juízo expresso pela literatura rabínica.¹⁶ Em seu terceiro pronunciamento, o próprio Balaão utilizou uma palavra traduzida como “palavra” ou “oráculo” (Nm 24:3), cujo sentido indica “declaração profética inspirada (2Sm 23:1), ou uma declaração do Senhor (Gn 22:16; Nm 14:28; Is 1:24)”.¹⁷

Apesar de inicialmente Deus ter impedido Balaão de atender ao convite de Balaque (Nm 22:12), Ele o permitiu, depois de um segundo encontro com o vidente (Nm 22:20). A viagem deve ter durado cerca de vinte dias.¹⁸ No percurso, Balaão castigou severamente sua jumenta (Nm 22:27). Curioso é perceber o contraste entre as consequências da ira divina (causa da intervenção do anjo) e as inconseqüências da ira humana (vista na atitude de Balaão contra o animal). No momento em que Balaão se mostrava mais irracional, Deus tornou a jumenta racional. Até um animal usado por Deus age com mais inteligência do que um homem obstinado no erro. Com efeito, Deus pode usar qualquer pessoa ou coisa, conforme alguém ponderou:

“Da mesma forma que Balaão cavalgava sua mula até ser ela detida pelo anjo do Senhor, Balaque igualmente impulsionava Balaão a amaldiçoar Israel até que foi detido pelo seu encontro com Deus. Da mesma forma que Deus abriu a boca da mula, Ele colocou Suas palavras na boca de Balaão, para declarar Sua vontade. Esse paralelismo entre Balaão e sua mula sugere que a capacidade de declarar a Palavra de Deus não é necessariamente sinal da santidade de Balaão: revela somente que Deus pode usar qualquer pessoa (e até um animal) para que seja Seu porta-voz.”¹⁹

Obviamente, o episódio serviu de alerta para que Balaão dissesse apenas o que Deus mandasse (Nm 22:35), compromisso que se viu obrigado a cumprir, mesmo à revelia de seu contrato com Balaque. A respeito de seus oráculos, depreende-se deles quão preciosos e notável Israel era para Deus, a ponto de ser considerado especial entre todos os povos da Terra!²⁰ De acordo com um comentário, assim como “o primeiro e o segundo oráculos, o terceiro se refere às bênçãos de prosperidade, poder e fama”.²¹ Talvez se possa dizer com maior precisão que, enquanto os dois primeiros poemas de Balaão se referem ao passado de Israel, os dois últimos apontam para o Messias que viria.²² Parece que Balaão se comportou como autêntico profeta em seus pronunciamentos finais.²³ Até mesmo a palavra usada para suas visões (*machazeh*) é usada no Pentateuco em referência à aparição divina a Abraão (Gn 15:1).

No último pronunciamento feito pelo vidente, temos a compreensão de que é descrito o rei messiânico, como “experimentando um novo êxodo escatológico, recapitulando em sua vida os eventos do Israel histórico em sua saída do Egito e conquista de seus inimigos”.²⁴ No mundo antigo, a estrela representava uma divindade. Considerando isso e a difusão dessa profecia de Balaão em meio ao paganismo, escreveu Roy Gane:

“Não é coincidência que uma estrela guiasse os magos do oriente ao bebê Jesus em Belém (Mt 2:1-11). Tanto os magos como Herodes consideraram a estrela um sinal do divinamente designado ‘rei dos judeus’ (v. 2), um governante como a ‘estrela’ davídica, fora de Jacó, que Balaão viu (Nm 24:17). Nesse caso, o recém-nascido Rei era o Filho de Deus (Lc 1:32-35), cuja origem era celestial, divina (Jo 3:13, 31; 6:38, 51), tornando o símbolo da estrela ainda mais apropriado.”²⁵

Dessa forma, as profecias de Balaão alcançam realização escatológica, apontando para o Messias que

viria. É de causar assombro que um profeta pagão anteviesse a vinda do Salvador da humanidade!

Implicações

No livro de Números, encontramos menção a episódios envolvendo manifestações proféticas ou alusões ao tema. Neste artigo, tratamos de três menções: duas delas envolvendo Moisés; a outra, não. No primeiro caso, vimos como Deus temporariamente concedeu aos anciãos de Israel o dom de profetizar, mostrando que as responsabilidades da liderança mosaica estariam divididas entre eles. Apesar de a medida haver desagradado Josué, o próprio Moisés afirmou que seria muito melhor se todo o Israel recebesse uma parte do Espírito distribuído à liderança.

No segundo caso, em meio a uma desavença familiar que afetava a imagem de Moisés, Deus expressou Seu íntimo relacionamento com Seu servo, superior à experiência profética e, sem dúvida, um caso peculiar, talvez sem paralelos na história do antigo Israel. Por fim, verificamos nos relatos envolvendo Balaão que o Senhor usou um vidente pagão para abençoar Seu povo, agindo de forma soberana, para mostrar que Israel era distinto das demais nações e que lhe estavam reservadas bênçãos futuras, em continuidade a tudo o que Deus lhe havia proporcionado. Também a promessa messiânica é afirmada por meio de Balaão e, surpreendentemente, para um auditório pagão.

Revisando as três passagens, sugerimos as seguintes implicações para uma possível teologia do dom profético no livro de Números: 1) Deus é soberano na escolha de Seus mensageiros, podendo, em casos específicos, fazer uso de pessoas não diretamente ligadas ao Seu povo. Isso Ele faz com o objetivo de transmitir verdades, embora regularmente Se revele a pessoas que desfrutaram relacionamento com Ele. 2) O Espírito do Senhor é comunicado de

maneira sobrenatural ao profeta, condicionando-o a exercer um ministério em favor do povo de Deus, principalmente para guiá-lo em assuntos espirituais. 3) Mesmo um profeta necessita reconhecer e respeitar líderes instituídos por Deus, não os desrespeitando nem discriminando arbitrariamente. ▮

Referências:

- John J. Schmit, em David Noel Freedman, *The Anchor Bible Dictionary* (Nova York, NY: Doubleday, 1992), p. 482.
- Robert L. Cate, em Watson E. Mills, *Mercer Dictionary of the Bible* (Macon, Georgia: Mercer University Press, 1990), p. 715.
- Jacob Milgrom, *Numbers – The JPS Torah Commentary* (Filadélfia, NY: The Jewish Publication Society, 1990), p. 13.
- Ibid.*, p. 90, 91.
- Timothy R. Ashley, *The New International Commentary on the Old Testament* (Grand Rapids, MI: Eerdmans Publishing, 1993), p. 216.
- Philip J. Budd, *Numbers – Word Biblical Commentary* (Waco, TX: Word Books Publisher, 1984), p. 129.
- Jacob Milgrom, *Op. Cit.*, p. 38.
- Philip J. Budd, *Op. Cit.*, p. 137.
- Jacob Milgrom, *Op. Cit.*, p. 95.
- Roy Gane, *Leviticus, Numbers – The NIV Applications Commentary* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2004), p. 690.
- Charles H. Savelle, *Bibliotheca Sacra*, 2009, v. 166, nº 664, p. 390.
- Roy Gane, *Op. Cit.*, p. 690, 691.
- R. K. Harrison, *Numbers: An Exegetical Commentary* (Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992), p. 294.
- Robin DeRosa, “Specters, The Salem Witch and American Memory” (Dissertação de doutorado, Boston, MA: Tufts University, 2002).
- Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 439.
- Charles H. Savelle, “Canonical and Extracanonical”, p. 397.
- Roy Gane, *Op. Cit.*, p. 709.
- T. Carson, em F. F. Bruce, *Comentário NVI: Antigo e Novo Testamento* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2009), p. 335.
- Gordon J. Wenhan, *Números: Introdução e Comentários* (São Paulo, SP: Vida Nova, 2001), p. 175.
- Raymond B. Dillard e Tremper Longman III, *Introdução ao Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2006), p. 87.
- Anastasia Boniface-Malle e Tokunboh Adeyemo, *Comentário Bíblico Africano* (São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2010), p. 198.
- Martin G. Klingbeil, *Inícios, Paradigmas y Fundamentos: Estudios Teológicos y Exegéticos em el Pentateuco* (San Martín, AR: Editorial Universidad Adventista del Plata, 2004), p. 81.
- Ver Dennis T. Olson, *Numbers* (Louisville: John Knox Press, 1996), p. 147; Eugene H. Merrill, *Kingdom of Priest: An History of Old Testament Israel* (Grand Rapids, MI: Baker, 2008), p. 107.
- Richard Davidson, *O Futuro: A Visão Adventista dos Últimos Acontecimentos* (Engenheiro Coelho, SP: UNAspress, 2004), p. 9.
- Roy Gane, *Op. Cit.*, p. 713.



Desafios animadores

Como igreja, “nada temos a temer quanto ao futuro”

Na introdução do seu livro sobre o futuro da igreja, Eddie Gibbs escreveu: “Olhando para trás, para meus anos de formação, percebo que fui treinado para um mundo que mudou além de qualquer previsão, não apenas em termos de progresso tecnológico, mas, sobretudo, na área cultural.”¹ Essa afirmação parece traduzir perfeitamente os desafios que a igreja enfrenta na atualidade e que tendem a se intensificar no futuro. A velocidade das forças modeladoras de nossa cultura está deixando um rastro tão assustador de fragmentação e colapso social, que as palavras de Gibbs quase se tornam as palavras da igreja.

Isso tem afetado o crescimento de igrejas em muitos lugares, e se espalhado por todo o mundo ocidental. Citando o *Yearbook of American Churches* [Livro do Ano das Igrejas Americanas], Gibbs apresenta o seguinte quadro: A Igreja de Cristo declinou de 1.592.609 membros em 1968, para 929.725 em 1997. No mesmo período, a Igreja Episcopal perdeu

mais de 800 mil membros, seguida pela Igreja Metodista Unida que viu desaparecer mais de 2.400 membros.² “Se as tendências continuarem”, opinam Norman Shawchuck e Gustave Rath, “60% de todas as congregações cristãs nos Estados Unidos desaparecerão antes de 2050.”³

A realidade brasileira, mesmo não sendo alarmante, não deve ser desprezada. De acordo com o IBGE, o crescimento dos evangélicos entre os anos 1980-1991 foi 5.18%; de 1991-2000, 7.3%, e de 2000-2010, 4.9%, o menor dos últimos 30 anos. Nesse período, denominações como Congregação Cristã no Brasil diminuiu de 2.489.113 membros para 2.289.634. A Igreja Luterana decresceu de 1.062.145 para 999.494 membros. A Igreja Presbiteriana, de 981.064 para 921.209. A Igreja Congregacional diminuiu de 148.836 para 109.591 membros, e a Igreja Universal do Reino de Deus, de 2.101.887 para 1.873.243; os que se declaram “sem religião” cresceram de 12,5 milhões (7,4%), em 2000, para 15,3 milhões

(8%), em 2010. Isso num período em que o número de pessoas que se declaram evangélicas cresceu quatro vezes mais do que a população.⁴

Nada a temer

Creio que para a igreja é impossível entender o que está acontecendo ao seu redor, se ficar presa em si mesma, centralizada em seus problemas internos, sem notar a mudança cultural que afeta todas as áreas da sociedade. Mudanças tão profundas, complexas, abrangentes, imprevisíveis e globais, que se não entendermos a força delas, corremos o risco de ser esmagados.

Os profetas eclesiológicos modernos clamam por despertamento. Esperam que a igreja acorde e reaja, aproveitando o momento e se expandindo como o reino de Deus na Terra. Porém, eles e a própria igreja, espantados com o desafio, perguntam: Como? A maioria de nós nasceu na era industrial, em um mundo de mudanças rápidas e crescentes; como devemos proceder em uma era de

mudanças velozes? Como deve ser a igreja em uma sociedade pluralista? Como evangelizar com êxito neste mundo consumista, sem compromisso com a coletividade e que defende uma moral autônoma, dissociada de Deus? Sentimo-nos impotentes para os desafios da pós-modernidade. O que fazer e como fazer? Qual será o futuro da nossa Igreja?

Não devemos desesperar. É preciso humildade, sabedoria e ânimo redobrado para avançarmos “como uma associação de peregrinos caminhando para o fim do mundo e para os confins da Terra”.⁵ “Nada temos a temer quanto ao futuro, a não ser que nos esqueçamos o caminho pelo qual Deus nos tem conduzido”, escreveu Ellen G. White.⁶ Essas palavras não podem ser ignoradas.

Recapitulando a história do cristianismo, vemos a mão divina em seu surgimento, crescimento e expansão. Mesmo que se argumente dizendo que o mundo estava preparado para receber o cristianismo no primeiro século, a verdade é que os cristãos tiveram que enfrentar muitos desafios. Eles intimidaram os orgulhosos pagãos, ao enfrentar a tortura e a morte, defendendo um amor que reduzia fronteiras raciais, proibindo o amor livre e outras práticas aceitas como corretas e necessárias. Num ambiente hostil, com propostas diferentes do comum, a igreja primitiva prosperou. De um punhado de cristãos amedrontados, espalhou-se pelo mundo e chegou aos nossos dias.

Quando enviou a igreja a fazer discípulos de todas as nações, Cristo prometeu: “Estarei sempre com vocês, até o fim dos tempos” (Mt 28:20). Essa realidade foi experimentada por todos os que abandonaram o paganismo e se uniram a Ele na missão de salvar. Jesus Se apresentou à igreja como Aquele que tem autoridade no Céu e na Terra (Mt 18:18) e tem a igreja em Sua mão (Ap 1:11-20). Isso é suficiente para revigorar nosso ânimo. Conhecendo o fim desde o princípio, Ele

afirmou: “Eu lhes disse essas coisas para que em Mim vocês tenham paz. Neste mundo vocês terão aflições; contudo, tenham ânimo! Eu venci o mundo!” (Jo 16:33). Em Jesus, a vitória da igreja está garantida: “as portas do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16:18).

Ligada a essas está a promessa da presença do Espírito Santo, vivificando e capacitando a igreja militante: “Ele vive com vocês e estará em vocês” (Jo 14:17); “ensinará todas as coisas e lhes fará lembrar tudo o que Eu lhes disse” (Jo 14:26); “convencerá o mundo do pecado, da justiça e do juízo” (Jo 16:8). As Escrituras também relatam que, quando a igreja for levada perante tribunais e tiver que testemunhar, o Espírito dará as palavras corretas (Mt 10:19, 20). Finalmente, o Espírito concederá dons à igreja para o desempenho do serviço missionário e transcultural, como foi outorgado a Cristo (Ef 4:11-14).

Diante disso, as perspectivas, embora desafiadoras, não são desanimadoras. Basta à igreja olhar para cima e ao seu redor. Ela deve perceber seu contexto, dialogar com ele e influenciá-lo com os valores do Reino de Deus, à semelhança do que fizeram o Mestre e os cristãos primitivos, quando entraram na sociedade helenística e urbana.

Tempo de oportunidades

É necessário reconhecer que parte da realidade do mundo ocidental de hoje foi construída pela igreja que relegou a prática do cristianismo bíblico a um plano inferior àquele vivido e ensinado por seu Fundador, para seguir caminhos não aprovados por Ele. Foi nesse ambiente de aparente cristianismo que o secularismo, o pluralismo religioso e o individualismo nasceram sem oferecer nenhuma esperança para o amanhã; centralizados no presente, ignorando as verdades da Palavra de Deus, agarrados a um emaranhado de experiências efêmeras, querendo ao mesmo tempo pertencer, descobrir e encontrar motivo para viver.

Um tempo de grandes oportunidades está se abrindo para a igreja. Pessoas estão procurando respostas para suas inquietações. Embora estejam desconstruindo verdades existentes e reconstruindo suas próprias verdades, elas insistem numa constante busca de algo para preencher o vazio do coração. Por isso, continuam “aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor” (Mt 9:36). E será sempre assim, até que morram ou preencham o vazio existencial com Deus. É nesse ponto que se abre a oportunidade para a igreja.

É fundamental que a igreja se conscientize de que está a serviço de Deus no mundo e, pelo menos por enquanto, não pode sair dele. Por isso, é necessário que nos lancemos humildemente aos pés do Salvador e peçamos a unção celestial que os discípulos receberam a fim de testemunhar em Jerusalém, na Judeia, Samaria e nos confins da Terra (At 1:8). Precisamos dessa experiência, a fim de que possamos amar as pessoas no mundo e do mundo, como Jesus as amou e Se deu por elas. Somente sob a dotação sobrenatural do Espírito é possível entrar em contato com o perdido e dialogar com ele sem preconceito nem medo, utilizando linguagem adequada e palavras certas.

Os tempos mudaram, mas não mudou o poder divino. O Espírito Santo continua disponível à igreja. Essa é a verdadeira esperança para o mundo e para nós que vivemos os desafios contemporâneos da missão. Que o Senhor da igreja nos conceda o mesmo êxito que obtiveram os cristãos do primeiro século! ■

Referências:

- ¹ Eddie Gibbs, *Para Onde Vai a Igreja*, (Curitiba, PR: Editora Esperança, 2012), p. 12.
- ² *Ibid.*, p. 21.
- ³ Norman Shawchuck e Gustave Rath, *Benchmarks of Quality in the Church* (Nashville: Abingdon, 1994), p. 12.
- ⁴ IBGE, *Censo 2010*, análise MAI, Eunice Zillner, julho/2012, www.mai.org.br.
- ⁵ J. H. Wright, *A Missão do Povo de Deus – Uma Teologia da Missão da Igreja* (São Paulo, SP: Editora Vida Nova, 2012), p. 34.
- ⁶ Ellen G. White, *Vida e Ensinos*, p. 204.



Um vírus a ser combatido

Como erradicar um mal que tem enfraquecido muitas congregações

A caso, está sua igreja em declínio? Tem dificuldade em crescer no evangelismo e nos aspectos da mordomia cristã? O relacionamento entre os membros está difícil? Se a resposta for “sim”, é hora de prestar atenção a um vírus que infecta muitas igrejas. É tão letal ao corpo espiritual como o cigarro é para o físico; e não é fácil vencê-lo. Seu nome? Descontentamento.

Murmuração e descontentamento são condições antigas, perigosas e mortais que ameaçam a vida e o crescimento da comunidade de fé. Um episódio na vida de Israel mostra que esse problema não é apenas perigoso, mas letal e gerador de muitas condições nocivas à espiritualidade. A tragédia do descontentamento é cancerosa em sua natureza; um veneno insidioso e lento cujos efeitos levam anos para ser vistos. Pior: pode se tornar vício.

Estatísticas no deserto

Por trás das estatísticas do censo no livro de Números, os capítulos 1 e 26 contam a história do

descontentamento e da murmuração. Um rápido olhar nas listas parece confirmar que o número de israelitas era maior quando eles deixaram o Sinai (603.550 homens de 20 anos para cima) do que quando chegaram aos limites da Terra Prometida (601.730 homens), 40 anos depois.

A partir dessas estatísticas, poderíamos imaginar que todas as tribos tivessem perdido algumas centenas de homens, mas isso não é verdade. A maioria delas, sete entre doze, aumentou em número. A tribo de Manassés cresceu para 20.500 homens; Benjamin aumentou para 10.200. As três tribos de Judá, Issacar e Zebulom, juntas, cresceram para 14.900 homens. Dã, Aser e Naftali aumentaram em 5.600 homens. Se essas sete tribos cresceram para 51.200 homens, onde estava o déficit?

A concentração de mortos estava nas tribos de Ruben e Gade (45.020 menos do que quando deixaram o Sinai). A tribo de Simeão perdeu 37.100 homens. Efraim e Naftali, juntas, perderam oito mil.

Panelinhas perigosas

O acampamento israelita era cuidadosamente organizado. As tribos acampavam em quatro grupos distribuídos ao redor do tabernáculo. Judá, Issacar e Zebulom eram vizinhos amistosos acampados juntos no lado oriental do tabernáculo, com os sacerdotes acampados entre eles e a entrada do tabernáculo. As tribos dos filhos de Raquel – Efraim, Manassés e Benjamin – estavam acampadas no oeste, e ao norte estavam Dã, Aser e Naftali. Os levitas estavam separados das outras tribos, acampados com os sacerdotes, em um círculo fechado para guardar o tabernáculo (Nm 3:16-37). As tribos de Rúben, Simeão e Gade eram vizinhas, acampadas ao lado sul do tabernáculo, próximas à família levita de Coate, acampada ao lado norte do tabernáculo.

Entre a família de Coate estava Coré, primo de Moisés (Êx 6:20-24), que se tornou descontente e liderou uma rebelião contra Moisés (Nm 16). Nessa rebelião, a ele se juntaram os

vizinhos das tribos de Rúben: Datã, Abirão e Om. Esses homens reuniam-se em suas tendas para mexericos e discussões, encorajando-se em seu descontentamento e rebeldia. Inicialmente, a rebelião estava confinada a eles, seus familiares imediatos e amigos, e eles acabaram morrendo num terremoto e fogo enviados por Deus (Nm 16:24-35). Porém, o descontentamento e a infelicidade se espalharam e, no dia seguinte, mais pessoas culpavam Moisés e Arão pela morte daqueles líderes. A tragédia terminou com mais 14.700 mortos. O texto não diz que a rebelião foi limitada à tribo de Rúben e seus vizinhos, mas as estatísticas de 40 anos dão seu testemunho. Seria fácil culpar Deus por aquelas mortes, mas a vontade d'Ele para o povo é claramente indicada como uma escolha: "Hoje invoco os céus e a Terra como testemunhas contra vocês, de que coloquei diante de vocês a vida e a morte, a bênção e a maldição. Agora escolham a vida" (Dt 30:19).

Festa para Baal Peor

Quarenta anos depois, novamente na fronteira da Terra Prometida, e poucos meses antes de sua triunfante conquista, Israel enfrentou lutas. Os atemorizados moabitas contrataram Balaão para amaldiçoar Israel. Por três vezes ele tentou fazer isso e falhou. Deus estava protegendo Seu povo. Mas o que não foi possível ser conseguido pela maldição, foi conseguido pela amizade imprópria. Os moabitas convidaram os israelitas para que se unissem a eles em uma celebração a seus deuses (Nm 25:2), e alguns israelitas aceitaram. Após 40 anos de descontentamento latente, nada melhor que uma festa com vizinhos para relaxar.

A festa foi um sucesso! Desafiador, "Zinri, filho de Salu, líder de uma família simeonita" (v. 14), "trouxe para casa uma mulher midianita, na presença de Moisés e de toda a comunidade de Israel" (v. 6). Isso resultou em uma praga que matou 24 mil pessoas. A doença

do descontentamento é extremamente contagiosa e letal. O censo relatado no capítulo seguinte sugere que muito provavelmente a maioria desses mortos tenha sido da tribo de Simeão.

As tribos de Simeão, Rúben e Gade diminuíram mais que o esperado, enquanto outras tribos prosperaram. Os líderes dessa apostasia também eram do mesmo grupo geograficamente conectado de tribos que participaram da rebelião de Coré, Datã e Abirão. Isso sugere que o descontentamento de Coré e seu grupo ainda causou incômodo 40 anos depois, resultando na morte trágica de muitos dos seus membros. No caso da tribo de Simeão, foi a maioria de seus membros.

Lições atuais

Porém, a maior tragédia foi que aquela gente estava quase no lar. Nas duas ocasiões, na rebelião de Coré e na festa de Baal Peor, o povo estava nos limites da Terra Prometida. Nos dois casos, o descontentamento e a murmuração resultaram dos caprichos pessoais. O povo se havia esquecido completamente da missão: tomar posse do dom de Deus, a terra de Canaã.

Aqui estão algumas lições que podemos aprender desses exemplos:

- ◆ Leve a sério as estatísticas. Se o testemunho e outros indicadores do ministério efetivo mostram declínio, peça que a congregação e os líderes examinem a si mesmos. Há sinais de descontentamento e queixa infiltrando-se sorrateiramente? Em caso afirmativo, trate o assunto com oração e trabalhe para restaurar a harmonia e a unidade no acampamento.

- ◆ Se um grupo está declinando ou estagnado, o descontentamento pode ser a causa. Pregue sobre unidade, faça apelos particulares às pessoas ou grupos envolvidos. Peça sabedoria especial de Deus para tratar dessa questão.

- ◆ Examine seu próprio coração. Um pastor descontente, à

semelhança do levita Coré, é tão perigoso para a igreja como qualquer membro descontente.

- ◆ Procure descobrir se há panelinhas que espalham a cultura do descontentamento e da murmuração. Elas necessitam ser confrontadas em espírito de amor e no poder de Deus.

- ◆ Reconheça que o problema pode ter começado anos antes, e talvez esteja se arrastando por décadas.

- ◆ Anime os membros a desenvolver uma atitude de gratidão. Pesquisas mostram que esse é um poderoso fator no bem-estar e na boa saúde geral. Ensine-os a anotar cada coisa pela qual devem ser agradecidos durante o dia.

- ◆ A realidade da Terra Prometida precisa ser mantida diante da congregação. Os cristãos necessitam viver e trabalhar com a visão do reino de Deus, não o reino da igreja na Terra.

"Ao vencedor"

A boa notícia é que, pela graça de Deus, todos os problemas podem ser resolvidos, incluindo o descontentamento e a murmuração. Nem todos da família de Coré morreram na rebelião (Nm 26:11) e alguns descendentes se tornaram depois, sob a liderança do rei Davi, destacados líderes do culto em Israel, compositores de poemas e cânticos (Sl 42, 44-49, 84, 85, 87, 88).

Jesus Cristo faz maravilhosas promessas de vida aos vencedores. "Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida... O vencedor de modo algum sofrerá a segunda morte... Ao vencedor darei do maná escondido. Também lhe darei uma pedra branca com um novo nome... Também lhe darei a estrela da manhã..." "O vencedor será igualmente vestido de branco. Jamais apagarei o seu nome do livro da vida, mas o reconhecerei diante do Meu Pai e dos Seus anjos... Farei do vencedor uma coluna no santuário do Meu Deus, e dali ele jamais sairá... Ao vencedor darei o direito de sentar-se comigo em Meu trono" (Ap 2:7, 11, 17, 28: 3:5, 12, 21). ▀



Professor associado de História na Universidade Andrews, Estados Unidos



As duas faces do ecumenismo

Uma visão do relacionamento adventista com outras igrejas, no passado, presente e futuro

Para alguns cristãos, o termo “ecumenismo” é uma palavra repugnante. Muito frequentemente, essa atitude tem levado à intolerância doutrinária e relacional para com outros cristãos. A apatia resultante e o desinteresse em relação a outros cristãos são justificados por meio de argumentos vagos como “permanecer em defesa da verdade” ou “evitar compromisso”. Mas, muitas vezes, tal apatia representa simplesmente má vontade em ir além da familiar e rotineira zona de conforto. Ou, pior, pode ser motivada por um senso de elitismo, até mesmo fanatismo, em relação a outros cristãos.

A fim de evitar essas barreiras à cordialidade, necessitamos pensar cuidadosamente a respeito de nossa

visão da igreja de Deus nos aspectos visível e invisível. Porém, temos que ser muito cuidadosos na abordagem desse tema. Um cuidadoso estudo de nossa história e nossos ensinamentos mostrará que há um ecumenismo positivo e outro nocivo. O positivo diz respeito à consideração, ao cuidado, apoio prático que deve haver entre os cristãos. O ecumenismo nocivo é uma busca mais formal, ideológica, por uma unidade institucional e doutrinária. Vamos analisar as duas formas.

O lado positivo

Muitos de nós talvez fiquemos surpresos ao aprender que nossas crenças fundamentais reconhecem a validade da igreja ecumênica. Os

dicionários definem a palavra *ecumênico* como significando literalmente *universal*. Nossa crença fundamental número 12, “O remanescente e sua missão”, começa com estas palavras: “A igreja universal se compõe de todos os que verdadeiramente creem em Cristo.”¹ Essa declaração reconhece que Cristo tem cristãos fiéis em muitos lugares, incluindo o espectro das denominações cristãs.

Porém, não devemos nos esquecer de acrescentar estas linhas: “mas, nos últimos dias, um tempo de ampla apostasia, um remanescente tem sido chamado para fora, a fim de guardar os mandamentos de Deus e a fé em Jesus.”² Na verdade, cremos na função especial que tem um remanescente visível, com



Tempo de oportunidade

“Ninguém recebeu até agora o sinal da besta. Ainda não chegou o tempo de prova. Há cristãos verdadeiros em todas as igrejas, inclusive na comunidade católico-romana. Ninguém é condenado sem que haja recebido iluminação nem se compenetrado da obrigatoriedade do quarto mandamento.”

“Mas ninguém deverá sofrer a ira de Deus antes que a verdade se lhe tenha apresentado ao espírito e consciência, e haja sido rejeitada. Há muitos que nunca tiveram oportunidade de ouvir as verdades especiais para este tempo. A obrigatoriedade do quarto mandamento nunca lhes foi apresentada em sua verdadeira luz. Aquele que lê todos os corações e prova todos os intuitos, não deixará que pessoa alguma que deseje o conhecimento da verdade seja enganada quanto ao desfecho da controvérsia.”

“Deve-se dispensar o mais prudente e mais firme trabalho aos pastores que não pertencem à nossa fé. Muitos há que não sabem nada melhor do que serem desviados por pastores de outras igrejas. Orem e trabalhem obreiros fiéis, tementes a Deus e fervorosos..., orem e trabalhem, digo, pelos pastores sinceros que foram ensinados a interpretar mal a Palavra da Vida. Muitos pastores que agora pregam o erro hão de pregar a verdade para este tempo.”

uma mensagem e missão especiais. Entretanto, nunca ensinamos que a realidade desse remanescente nega a existência da igreja universal, invisível. Ao contrário, nossos pioneiros sempre reconheceram que, de acordo com Ellen G. White, “há cristãos verdadeiros em todas as igrejas, inclusive na comunidade católico-romana”.³

O movimento adventista do século 19 foi um dos movimentos verdadeiramente ecumênicos dos tempos modernos. Guilherme Miller era batista, mas pregava sua mensagem do advento em igrejas de muitas denominações. Inicialmente, aqueles que se tornavam adventistas não deixavam essas igrejas, mas, em muitos lugares, foram eventualmente forçados a sair.

À medida que o movimento crescia, ganhava representantes de quase todas as denominações americanas – metodistas, batistas, presbiterianos, congregacionalistas e conexão cristã. Depois do desapontamento de 1844, o movimento adventista, que se tornou Igreja Adventista do Sétimo Dia, foi composto de ex-membros daquelas igrejas.

Alguns mantêm a visão de que nossos pioneiros se sentaram em uma sala com a Bíblia nas mãos e montaram um conjunto inteiramente novo de crenças e práticas, reconstruindo a igreja do Novo Testamento a partir do zero. A realidade é que os primeiros adventistas tomaram crenças e práticas de uma variedade de grupos, esquadriharam-nas através do filtro bíblico, adotando e adaptando aquelas que foram aprovadas nesse teste. De fato, algumas de nossas práticas litúrgicas não estão ordenadas nem mesmo descritas na Bíblia, mas foram adaptadas de outras igrejas cristãs. Entre elas estão as reuniões de oração semanais, Escola Sabatina, reuniões campais, a ordem litúrgica, coleta de ofertas, Santa Ceia trimestral, e outras que afetam nosso culto e práticas de testemunhar. Os adventistas do sétimo dia são, eles mesmos, o resultado de um verdadeiro movimento ecumênico bíblico.

As mensagens angélicas

Alguns poderiam argumentar que, com o início da pregação das três mensagens angélicas de Apocalipse 14, no fim dos anos 1840 (incluindo a mensagem do segundo anjo sobre a queda de Babilônia), não mais pode haver associação com outras igrejas cristãs que compõem a Babilônia caída. Essa simplesmente não foi a compreensão dos nossos pioneiros. Em vez disso, eles foram ativos em compartilhar com outros cristãos pontos em comum, principalmente contra a escravidão e em favor da temperança e da liberdade religiosa.

Ellen G. White falou a grandes audiências de não adventistas, defendendo leis de temperança, assim como pregou em púlpitos de igrejas de outras denominações. Além disso, ela usou comentários bíblicos e livros religiosos escritos por outros cristãos depois de 1844, chegando a se referir a alguns comentários não adventistas de seu tempo como estando entre seus “melhores livros”.⁴

Dirigindo-se aos pastores adventistas, estimulando-os a se envolverem no trabalho pessoal em favor de outros pastores, ela escreveu: “Nossos pastores devem procurar aproximar-se dos pastores de outras denominações. Orem por esses homens e com eles, por quem Cristo está fazendo intercessão. Pesa sobre eles solene responsabilidade. Como mensageiros de Cristo, cumprem-nos manifestar profundo e fervoroso interesse nesses pastores do rebanho.”⁵

Dois pontos merecem ser especialmente notados: Primeiro, devemos orar “por esses homens e com eles”. Aqui, a preposição “com” implica não apenas preocupação evangelística, mas também companheirismo. Segundo, devemos notar seu reconhecimento de que esses pastores também são “pastores do rebanho”. Essa fraseologia é o reconhecimento de que esses pastores de outras denominações também estão velando sobre “o rebanho” de Cristo.

Como isso deve ser compreendido à luz da mensagem do segundo anjo,

que anuncia a queda de Babilônia? O quarto anjo de Apocalipse 18 indica que Babilônia terá caído completamente quando ela estiver comprometida com os poderes comerciais e civis do mundo, e usar as forças civis para fins religiosos. Ellen G. White e os pioneiros compreendiam a mensagem do quarto anjo como estando ainda no futuro, e que Babilônia, ao cair, continua a abrigar fiéis cristãos com os quais podemos e devemos nos relacionar. Somente quando esses cristãos usarem o poder estatal a fim de perseguir aqueles dos quais discordam em questões espirituais, teremos chegado ao ponto em que não mais podemos conviver em harmonia.⁶

A análise contextual do capítulo evidencia que, mesmo em nossos dias, a mensagem do quarto anjo ainda está no futuro. Assim sendo, muitos pastores adventistas estão envolvidos, e muitos outros deveriam estar empenhados em visitar pastores de outras denominações e orar com eles. Esse relacionamento também serve como base para um trabalho conjunto em assuntos comunitários, como liberdade religiosa, criacionismo, igualdade racial, família e casamento.

Isso enfatiza o fato de que o ecumenismo prático é uma questão local envolvendo assuntos comunitários. Justiça social enraizada no evangelho e na vinda de Cristo foi a base do ecumenismo adventista histórico. Temperança, combate à escravidão e liberdade religiosa foram esforços

destinados a proteger e afirmar pobres, fracos, jovens e marginalizados. Os adventistas necessitam ser despertados e novamente inspirados para esse tipo de esforço interdenominacional bem orientado.

O lado negativo

Evidentemente, também houve limites no ecumenismo adventista dos pioneiros, particularmente no que se refere ao ecumenismo ideológico formal. Um claro exemplo histórico desses limites foi a Conferência Missionária Mundial de 1910, realizada em Edimburgo, Escócia. Os adventistas assistiram a esse evento e participaram das reuniões, mas se recusaram a apoiar a divisão de campos missionários mundiais entre as várias denominações.⁷

Essa recusa pode ter parecido uma atitude mesquinha, sectária e arrogante, mas podemos firmemente garantir que o Senhor não abençoaria os resultados de uma concordância. Sem essa recusa, é improvável que os adventistas do sétimo dia se tornassem a denominação evangélica mais difundida no mundo, com mais de 17 milhões de membros em mais de 200 países, operando o mais disseminado sistema educacional e médico no mundo. Humildemente, reconhecemos que o poder de Deus faz com que as pequenas coisas se tornem muito grandes, e devemos estar sempre atentos às advertências contra a jactância de nos acharmos “ricos e abastados” (Ap 3:17).

Por si mesmo, o crescimento não é prova de que estamos certos, embora a falta dele provavelmente evidencie que estejamos indo na direção errada. De todo modo, há duas questões importantes diante de nós: Por que o adventismo resistiu à divisão do campo missionário? Qual é o princípio que levou à recusa e que também pode limitar nosso envolvimento no movimento ecumênico formal de hoje?

Sábado e ecumenismo

Uma razão fundamental para essa dificuldade se centraliza em nossa crença de que o sétimo dia, o sábado, é o dia do Senhor. O sábado ergue barreiras históricas, proféticas, teológicas e práticas ao nosso pleno envolvimento com o moderno movimento ecumênico.

Em primeiro lugar, como assunto prático, nosso dia especial de adoração cria uma barreira ao culto regular com outros grupos cristãos. Esses grupos podem se reunir, sem problemas, para o culto de adoração. Mas o compromisso central de nosso culto é que ele se realiza em um dia em que poucas igrejas também se reúnem para adorar. Podemos até realizar e assistir cultos em outros dias, por causa de algum evento especial, assim como outros cristãos podem fazer o mesmo no sábado. Mas essa não é a prática rotineira.

Em segundo lugar, nossa observância do sábado nos tem dado grande sensibilidade para com a situação



Linha divisória

“Os poderes da Terra, unindo-se para combater os mandamentos de Deus, decretarão que todos, ‘pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos’, se conformem aos costumes da igreja, pela observância do falso sábado. Todos os que se recusarem a se conformar serão castigados pelas leis civis, e se declarará finalmente serem mercedores de morte. Por outro lado, a lei de Deus que ordena o dia de descanso do Criador, exige obediência, e ameaça com a ira divina todos os que transgridem seus preceitos.”

“O sábado será a pedra de toque da lealdade; pois é o ponto da verdade especialmente controvertido. Quando sobrevier aos homens a prova final, será traçada a linha divisória entre os que servem a Deus e os que não O servem. Ao passo que a observância do sábado falso em conformidade com a lei do Estado, contrária ao quarto mandamento, será uma declaração de fidelidade ao poder que se acha em oposição a Deus, é a guarda do verdadeiro sábado, em obediência à lei divina, uma prova de lealdade para com o Criador. Ao passo que uma classe, aceitando o sinal de submissão aos poderes terrestres, recebe o sinal da besta, a outra, preferindo o sinal da obediência à autoridade divina, recebe o selo de Deus.”

das minorias religiosas que têm sido perseguidas pelo fato de manterem crenças diferentes das tendências atuais da maioria. O antissemitismo tem uma longa e desafortunada história na Europa e na América, e frequentemente a marca da intolerância inclui a observância do sábado.

Depois do início da Reforma, luteranos, calvinistas e católicos se uniram na perseguição e no assassinato de anabatistas, por causa das crenças deles. Alguns anabatistas observavam o sábado do sétimo dia e foram objeto de perseguição por causa dessa prática. Na América do fim do século 19, adventistas foram penalizados e encarcerados por transgredirem leis dominicais.⁸ Acreditava-se que os grupos minoritários poderiam ser pressionados a aceitar as crenças da maioria, ou talvez a minimizar crenças não defendidas por essa maioria. Diante disso, quando cristãos começaram a se reunir em grupos, propondo unidade nos pontos em comum, os adventistas ficaram preocupados.

Na verdade, como adventistas, cremos que, em algum ponto no futuro, certas práticas de culto mantidas pela maioria serão impostas por meio de leis governamentais. Assim, somos firmemente refratários a projetos direcionados a buscar unidade por meio do jogo da minimização teológica ou doutrinária. Temos crenças fundamentais, distintivas, como o sábado, que a História nos mostra ser vulnerável à minimização por parte de outros cristãos.

Em terceiro lugar, encontramos no sábado uma autoridade teológica inerente. Cremos que o sábado não é simplesmente um dia da semana, mas uma expressão da amorável autoridade de Deus. O sábado nos lembra de que Ele nos criou por amor. Também nos lembra, de modo especial, Sua autoridade como Criador. De que maneira o sábado é um memorial único dessa autoridade? Alguns dos dez mandamentos, como leis contra roubos, assassinatos e adultério, podem ser estabelecidos

por autoridades civis, independentemente da Bíblia. Porém, o sábado do sétimo dia foi estabelecido apenas por uma ordem especial de Deus.

A psicologia pode nos ensinar que seres humanos funcionam melhor e são mais saudáveis por repousarem um dia entre os sete da semana.⁹ Mas não pode nos dizer que o melhor dia para repousar seja o sétimo dia. Assim, ao observar o sábado como santo dia do Senhor, revelamos um sinal especial de submissão à amorável autoridade de Deus. No sábado, criação, amor e autoridade estão juntos em um expressivo símbolo de adoração.

Como adventistas, não cremos que sejamos salvos por causa da observância do sábado. Mas, cremos que essa observância é um reconhecimento especial da autoridade divina, em contraste com a autoridade humana, seja ela expressa pela tradição, por um magistério ou pela vontade da maioria. O ecumenismo formal tende a dizer, pelo menos na prática, que as coisas importantes para a maioria devem ser importantes para todo o mundo. Assim, a autoridade do grupo tende a determinar quais são as doutrinas importantes e de que maneira elas são definidas.

Acaso, não é assim que todas as declarações de crenças são formuladas? É verdade. Porém, à mesa adventista permanece o compromisso de tratar as Escrituras como autoridade final, a norma pela qual todas as reivindicações da razão, da História e da experiência são julgadas. Ao observarmos as denominações cristãs de hoje, vemos uma variedade de abordagens de autoridade doutrinária e ensino. Há diferentes pontos de vista sobre o papel da tradição, a importância do ensinamento do magistério, e métodos de estudo da Bíblia, como o método crítico superior, que os adventistas colocam abaixo da autoridade escriturística.

Autoridade bíblica

Para os adventistas do sétimo dia, a autoridade das Escrituras provém de Deus, falando através do Espírito

Santo a uma comunidade comprometida em observar o memorial semanal de Sua soberania. Isso nos faz relutantes em nos unirmos a grupos para os quais a autoridade final se encontra na tradição, nos credos, em um sacerdócio ou magistério, ou em algo como maioria na comunidade cristã.

O movimento milerita, como exemplo de um verdadeiro movimento ecumênico bíblico, deve ser aplaudido. Ele estava fundamentado na busca da verdade bíblica, comprometido com a autoridade final das Escrituras, conforme executada pelo Espírito Santo na comunidade de crentes. Cremos que esse movimento ecumênico, universal, ocorrerá novamente antes da segunda vinda de Cristo e que ele incluirá “toda nação, tribo, língua e povo” (Ap 14:6).

Oremos para que minha igreja, sua igreja e muitas outras igrejas tenham humildade a fim de que sejam parte desse movimento. Enquanto isso, compartilhem nossos dons, aproximemo-nos de outros cristãos e pastores, não em busca de unidade superficial, imposta por homens, mas a unidade genuína, bíblicamente fundamentada, de acordo com o “assim diz o Senhor!”

Referências:

¹ Nisto Cremos, p. 211.

² Ibid.

³ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 234.

⁴ Herbert Douglas, *A Mensageira do Senhor*, capítulo 12.

⁵ Ellen G. White, *Evangelismo*, p. 562.

⁶ _____, *O Grande Conflito*, p. 603-605.

⁷ F. L. Cross e E. A. Livingstone, editores, *The Oxford Dictionary of the Christian Church* (Oxford: Oxford University Press, 2005); George Knight, *Historical Sketches of Foreign Missions* (Berrien Springs, MI: Andrews University Press, 2005), p. 18-26.

⁸ George H. Williams, *The Radical Reformation* (Kirksville, MO: Truman State University Press, 2000), p. 272; Bryan Ball, *The Seventh-Day Men* (Oxford: Clarendon Press, 1994), p. 37; W. L. Emerson, *The Reformation and the Advent Movement* (Hagerstown, MD: Review and Herald, 1983), p. 73-75; para descrição do aprisionamento, julgamento e condenação de adventistas do Sétimo dia, no século 19, por causa da observância do sábado, ver William A. Blakely, *American State Pages and Related Documents on Freedom in Religion* (Washington, DC: Review and Herald, 1949), p. 457-512.

⁹ Neil Nedley, *Proof Positive* (Amore, OK: Neil Nedley, 1999), p. 504.



Diretor do Ministério Jovem
na Missão Equatoriana do Sul

Nos passos do apóstolo

Lições úteis da experiência de Paulo na evangelização de metrópoles

Situada numa planície abaixo da alta Acrorinto, pico de 630 m que fica na península do Peloponeso, a antiga cidade de Corinto tinha localização estratégica, relativamente segura. Banhada pelo Golfo de Corinto, que a dividia com o porto da Licaônia, era uma cidade comercial e geradora de riquezas. Registros históricos relatam que os navios que vinham do leste e oeste atracavam em seu porto.

Devido a inúmeros enfrentamentos bélicos, Corinto foi enfraquecida em mais de uma ocasião. Assim que os romanos conquistaram a Grécia, “colocaram Corinto como líder da

confederação das cidades da província da Acaia”. No governo de Júlio César, a cidade foi reconstruída e restaurada. “Dessa forma, tornou-se uma colônia romana, conhecida como a *Colonia Laus Julia Corinthiensis* (a colônia de Corinto é uma homenagem a Júlio).”¹

Consequentemente, a cidade herdou alguns costumes romanos, como o idioma latino e o idioma do povo, o grego. Cidade cosmopolita, Corinto abrigava pessoas de todos os lugares, especialmente romanos (detentores do poder político e governamental). Havia também soldados, filósofos, mestres, trabalhadores oriundos do

Mediterrâneo, chegando a ter uma população de aproximadamente 200 mil pessoas.²

Quanto à religião, Corinto era conhecida como uma das cidades mais perversas de sua época, o que popularizou a expressão “corintianizar (viver à moda de Corinto)”.³ Isso ilustrava a imoralidade e depravação prevalentes na civilização grega. Ali havia mais de doze templos, entre os quais o mais popular era o de Afrodite, a deusa do amor. Apesar disso, ao apóstolo Paulo, “em nada lhe pareceu mal que o cristianismo se instalasse em Corinto”.⁴

Por que Corinto?

O que levou Paulo a Corinto? Inicialmente, ele havia recebido um chamado para ajudar os macedônios (At 16:9). Mas, fugindo da perseguição, rumou para Atenas.⁵ “Alguns creem que Paulo tenha deixado Atenas por causa dos poucos resultados ali alcançados”.⁶ “Alguns zombaram, outros postergaram a decisão, uns poucos creram (At 17:16-32). Nenhuma igreja foi formada ali, e lhe pareceu bem ir em busca de terreno mais fértil em Corinto.”⁷

Acaso, teria Paulo fracassado na Macedônia, pelo fato de não ter produzido resultados numéricos expressivos? Em qualquer atividade evangelizadora, nem sempre resultados numéricos marcam o êxito do evangelista. Certamente, as estatísticas ajudam a avaliar, em primeira instância, quanto êxito obteve o agente humano. Mas, nem sempre seus esforços serão acompanhados de resultados numericamente grandiosos.

“Ao instruir os discípulos, Jesus os preveniu: ‘Se alguém não os receber nem ouvir suas palavras, sacudam a poeira dos pés quando saírem daquela casa ou cidade’ (Mt 10:14). A falta de resultados numéricos não é assinalada como fracasso dos discípulos. Uma multidão de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças, havia sido alimentada por Jesus. Vinte e quatro horas depois, somente doze continuavam seguindo-O. Isso não é prova de que Jesus tivesse fracassado naquele momento.”⁸

Essa experiência no ministério do arauto do evangelho nos permite refletir sobre o método de alcançar pessoas. “Da perspectiva de Paulo, Corinto era um centro missionário ideal no qual o evangelho poderia expandir-se por intermédio dos marinheiros. Porém, é preferível crer que a Providência tenha dirigido os passos do apóstolo.”⁹

Princípios missiológicos

Ao iniciar seu trabalho em Corinto, Paulo nada inventou, muito menos recorreu a métodos carentes

de fundamentos. Temos a forte impressão de que ele tenha recorrido à ciência da pregação missiológica. O livro de Atos menciona: “Paulo saiu de Atenas e foi para Corinto. Ali, encontrou um judeu chamado Áquila, natural do Ponto, que havia chegado recentemente da Itália com Priscila, sua mulher” (At 18:1, 2).

Esse texto sugere o princípio de que, diante do desafio de abrir uma nova congregação, é recomendável encontrar uma família amiga ou pessoas que tenham algo em comum. Paulo encontrou um casal nômade, acostumado a se mudar frequentemente devido a razões profissionais e comerciais. Nessa ocasião, eles haviam saído de Roma por ordem governamental, seguramente guiados pela Providência.

“Se o evangelho entrou em Corinto, pode entrar em qualquer lugar”

Paulo e seus novos amigos tinham a mesma profissão: fabricantes de tendas. É interessante como Deus trabalha com maior ênfase, quando Seus instrumentos se dispõem a ser dirigidos pelo Espírito Santo. O apóstolo foi morar com eles (v. 3), trabalhando e formando o núcleo da igreja em Corinto.

Por que é recomendável encontrar uma família ou parceiros afins na missão de plantar uma nova igreja? Em primeiro lugar, isso proporciona a formação imediata do grupo (mesmo entre aqueles que ainda não são batizados). Não sabemos se Áquila e Priscila eram cristãos quando se encontraram com Paulo, ou se o apóstolo foi o agente da conversão deles. Em segundo lugar, o local se torna um centro de atividades na comunidade.

“O trabalho de Paulo como fabricante de tendas também teve papel importante em seus métodos de expansão do evangelho [...] certamente compartilhava o evangelho nos locais

de trabalho. Levantando-se cedo e trabalhando até tarde, podemos imaginá-lo proclamando a seus clientes o Senhor ressuscitado.”

Atos 18:7 nos ensina o princípio da importância de converter famílias influentes. O texto menciona que logo após ser desprezado pelos judeus em Corinto, Paulo foi recebido na casa de Tício Justo, que era temente a Deus. A casa de Tício era junto à sinagoga. Naquelas circunstâncias, “Paulo de todos os modos teria que buscar um lugar adequado para pregar, e a casa de Tício Justo provou ser esse local.”¹⁰

De acordo com alguns eruditos, provavelmente Tício Justo fosse um cidadão romano muito rico, também conhecido como Gaio Tício Justo. Outros “o identificam como Gaio, a quem Paulo se refere como o crente que ofereceu hospitalidade a ele e a toda a igreja de Corinto (Rm 16:23)”.¹¹ O importante é que Justo era homem de influência na sociedade de Corinto, e sem dúvida foi uma bênção para a igreja iniciante. Famílias assim facilitam e otimizam tempo e recursos.

Notemos o resultado desse princípio. O verso 8 menciona que o principal da sinagoga acreditou. Quem era ele? Um homem chamado Crispo. Não sabemos como foi conquistado para Cristo; provavelmente tenha sido influenciado por Justo (At 18:7), pois este vivia junto à sinagoga cujo principal era Crispo. Assim, o evangelho foi sendo disseminado.

Também aparece o nome de Estéfanas, convertido com toda a família, Erasto, tesoureiro da cidade, e uma pessoa chamada Quarto (Rm 16:23). Toda igreja começa estabelecendo um núcleo de membros que será sua primeira célula funcional. Esse é um princípio básico para o estabelecimento de uma nova congregação. O que poderíamos dizer de Áquila e Priscila? O Comentário Bíblico Adventista menciona que Priscila procedia de um nobre clã romano. Talvez, preparada entre as damas da sociedade, sendo exemplo da influência judaica ao instruir suas mulheres nas altas classes romanas.

Deus usa todo instrumento. Ele não se limita ao nível cultural, econômico ou acadêmico da pessoa. Os evangelhos estão cheios desses exemplos, mas não há dúvida de que, se o instrumento escolhido por Deus tiver habilidades extras, será uma bênção adicional poderosa à Sua causa. Conforme disse Luís Schweitzer, “ajudaremos a Providência com tudo o que está em nossas mãos”.¹²

“Certa noite o Senhor falou a Paulo em visão: ‘Não tenha medo, continue falando e não fique calado, pois estou com você, e ninguém vai lhe fazer mal ou feri-lo, porque tenho muita gente nesta cidade’” (At 18:9, 10). Aqui encontramos a essência motivacional que levou Paulo a iniciar e não abandonar a missão de Corinto. Toda iniciativa evangelizadora suscita lutas e oposição. Não seria diferente em Corinto.

“Paulo estava desanimado e temeroso. Ele confirma esse estado de ânimo na carta aos coríntios: ‘E foi com fraqueza, temor e com muito tremor que estive entre vocês’ (1Co 2:3). Cidadãos importantes de Corinto o viam como alguém sem prestígio, influência ou privilégio, devido à sua profissão de fabricante de tendas. Tinham Paulo no nível de um escravo. Os judeus queriam que ele deixasse de ensinar ao povo acerca de Jesus, e as ameaças à sua segurança pessoal estavam sempre presentes. A aparente e inacabável oposição a seu ministério começava a ter efeitos depressivos em sua vida.”¹³

Tanto para o apóstolo da cruz quanto para os discípulos de hoje, o medo é o principal obstáculo em diversas situações. Esse medo bloqueia parcial ou totalmente nossa confiança no Senhor. Porém, com a certeza da companhia divina, devemos controlar nossos temores e não permitir que eles nos controlem. Havia mais uma razão para que o apóstolo continuasse pregando: “tenho muita gente nesta cidade.” Lucas menciona que Paulo ficou em Corinto um ano e meio, e as epístolas aos coríntios dão detalhes quanto ao trabalho e os

frutos obtidos naquela cidade. Todo missionário deve saber que a essência motriz para se manter na linha de combate é o fato de que o Senhor tem ainda muitas pessoas nos lugares não alcançados pelo evangelho.

A igreja

Naqueles tempos, o mundo helênico usava o termo *ekklesia* para se referir às reuniões políticas ou comunitárias. “Na metade do primeiro século, os cristãos começaram a falar de suas próprias assembleias como a igreja (*ekklesia*) em Cristo. O termo era usado porque os cristãos queriam se diferenciar dos judeus, que usavam a palavra *sunagoga* para se referir ao lugar em que se reuniam... Com muito esmero, Paulo faz uma clara diferença entre as assembleias dos cristãos, as reuniões dos gentios e as dos judeus na sinagoga.”

Ele não inventou um novo termo teológico ou linguístico para distinguir a nova igreja. Para ele, a igreja de Deus que estava em Corinto não era um grupo de irmãos reunidos por interesses políticos nem comunitários. Em seu entendimento, Paulo tinha a igreja como um punhado de crentes separados para uma missão e vida especial.

“Não se tratava da igreja de Corinto; era a igreja de Deus *que estava em Corinto*. Para Paulo, onde quer que estivesse a congregação, tratava-se de uma parte, um fragmento da igreja de Deus.”¹⁴ Em outras palavras, pode ser que a experiência de Paulo em Corinto não seja a sua, no desafio de plantar novas igrejas. Porém, os princípios extraídos podem ser úteis em qualquer lugar. Eles não são absolutos nem estáticos; podem requerer tempo, dinheiro e possíveis desilusões no trabalho de evangelização. Porém, são provenientes de experiência real.

Primeiramente, estão registrados nas Escrituras. Em segundo lugar, têm sobrevivido através do tempo. Se esses princípios proporcionaram grande êxito no trabalho de Paulo, também proporcionarão hoje. Finalmente, são princípios; não são

métodos nem estratégias. Por raciocínio lógico e técnico, sabemos que os métodos e estratégias têm início e fim nos princípios. Independentemente do fato de o contexto histórico do lugar ser ou não estratégico, por sua localização ou influência econômica, os princípios serão úteis, isso realmente não importa. O essencial é que Deus tem “muita gente” no eventual lugar. Essa deve ser nossa motivação para não abandonar a linha de combate nem fugir após um falso sinal de retirada.

Apesar das dificuldades que possam surgir para impedir o progresso do plantio de igrejas, devemos nos lembrar de que Deus deseja salvar os perdidos, e que a vitória está garantida. Ellen G. White escreveu: “Os esforços de Paulo em Corinto não ficaram sem fruto. Muitos abandonaram a adoração dos ídolos para servir ao Deus vivo, e uma grande igreja se alistou sob a bandeira de Cristo. Alguns foram salvos dentre os mais devassos gentios e se tornaram monumentos da misericórdia de Deus e da eficácia do sangue de Cristo para limpar do pecado.”¹⁵

Portanto, não nos calemos. Se o evangelho entrou em Corinto, poderá entrar em qualquer lugar, pelo poder do Espírito Santo. ▀

Referências:

- 1 Simom J. Kistemaker, *Comentari al Nuevo Testamento: 1 Coríntios* (Michigan: Libros Desafio, 1993), p. 3.
- 2 *Ibid.*, *Exposición del los Hechos de los Apóstoles*, p. 694.
- 3 *Ibid.*, *1 Coríntios*, p. 5.
- 4 *Ibid.*, p. 6.
- 5 *Ibid.*, *Hechos*, p. 694.
- 6 William MacDonald, *Comentário Bíblico de William MacDonald: Antigo y Nuevo Testamento* (Barcelona: CLIE, 2004), p. 738.
- 7 Ivan Blazen, *El Evangelio en la Calle* (Buenos Aires: ACES, 1997), p. 9.
- 8 Ranieri B. Sales, *Ministério*, março-abril 2009 (Buenos Aires: ACES) p. 35.
- 9 Simom J. Kistemaker, *Hechos*, p. 694.
- 10 Simom J. Kistemaker, *Hechos*, p. 699.
- 11 *Ibid.*, p. 694.
- 12 Lázaro Flores, *El Premio Nobel Albert Schweitzer* (Barcelona: AFHA Internacional, S. A., 1978), p. 7.
- 13 Simom Kistemaker, *1 Coríntios*, p. 41.
- 14 William Barclay, *El Nuevo Testamento Comentado: 1 e 2 Coríntios* (Buenos Aires: La Aurora, 1983), p. 21.
- 15 Ellen G. White, *Atos dos Apóstolos*, p. 252.



Revelações da Divindade

*O testemunho do
profeta Ezequiel
sobre o Deus triúno*

Os dias do profeta Ezequiel eram iguais aos nossos. De todos os lados havia vozes expressando dúvidas e exigindo respostas sobre quem é Deus e quais são Suas ações. O livro de Ezequiel traz uma das mais belas e esclarecedoras revelações do Criador.



Ilustração: Thiago Lobo

O nome “Ezequiel” significa “a quem Deus fortalecerá”. Há poucas informações a seu respeito na Bíblia, além do fato de que era filho de Buzi, e que era sacerdote. Ezequiel foi levado cativo para Babilônia no segundo ataque a Jerusalém, no ano 597 a.C., que corresponde ao quinto ano do cativeiro do rei Joaquim (Ez 1:1-3). Pelo que tudo indica, naquele ano começou seu ministério profético, sendo ele contemporâneo de Daniel e Jeremias. Esse ministério foi desenvolvido entre os cativos de Judá, junto ao rio Quebar, norte da Mesopotâmia.¹

O tema do livro envolve um ato de juízo sobre o povo de Judá; o exílio e a destruição do templo seriam inevitáveis, como realmente aconteceu (Ez 1-33). Contudo, sua mensagem assegura que Deus trabalharia no coração de Israel, haveria um remanescente fiel, e uma restauração final, com a volta dos hebreus à sua terra, a reconstrução do templo e o reinado do Príncipe-Messias (Ez 34-38).

Ali, junto ao rio Quebar, Ezequiel “teve visões de Deus” (Ez 1:2-2). É-nos dito que “a palavra do Senhor veio ao sacerdote Ezequiel... Ali a mão do Senhor esteve sobre ele” (Ez 1:3). Então, temos uma descrição de quatro querubins com rodas (Ez 1:4-25), seguida de manifestação da “glória do Senhor”, sentado sobre um trono, carregado pelos querubins (Ez 1:26-28).

Cristo, Revelador de Deus

Os aspectos importantes dessa cena são: (1) No trono, havia alguém sentado, “figura que parecia um homem”; (2) a figura “parecia metal brilhante”, da cintura para cima; (3) e, da cintura para baixo, “como que cheia de fogo, e uma luz brilhante o cercava”. (4) O resplendor ao redor da figura era como o do arco-íris; (5) era a “glória do Senhor”. (6) Ao vê-la, o profeta caiu por terra.

Quem era aquele Ser? Para responder, precisamos observar a frase “figura que parecia um homem”, relacionada à revelação sobre Deus, pois, ela

se relaciona com outras passagens da Bíblia. No episódio da luta entre Jacó e o mensageiro celestial (Gn 32:22-31), o verso 24 diz que lutava com ele um “homem”; e no verso 30, diz Jacó: “Vi a Deus face a face e, todavia, minha vida foi poupada”, identificando como sendo Deus o Ser referido como “homem”. Oseias esclarece um pouco mais esse texto: “No ventre da mãe segurou o calcanhar de seu irmão; como homem lutou com Deus. Ele lutou com o anjo e saiu vencedor” (Os 12:3, 4). Aqui, Deus é identificado com o “anjo”.² Quem é esse anjo ou mensageiro? Malaquias responde, dizendo que no segundo templo, o de Zorobabel, haveria de vir o “Anjo” ou “Mensageiro da Aliança”, o “Senhor”, que é o “Messias” (l 3:1).³

“Os verbos andar, ordenar e perguntar indicam que o Espírito Santo é um Ser com personalidade”

Em Daniel 7:13, 14, é mencionado “um como Filho do Homem”, termo com o qual Jesus mais Se identificou no Novo Testamento.⁴ Em Daniel 10:1-9, o Ser celestial é descrito como “um homem”; e, assim que o profeta O viu, caiu por terra, à semelhança do que ocorreu a Ezequiel (1:28-2:1, 2) e João (Ap 1:17-20).

Nessas passagens há uma semelhança de ocorrências:

Ezequiel 1:26-2:3 – o profeta viu a “glória de Deus”, caiu por terra, ouviu uma voz, recebeu uma ordem, e o “Espírito” nele entrou.

Daniel 10:4-11, 14 – há uma visão de um Ser celestial: o profeta desfaleceu, caiu com o rosto em terra, foi tocado, ouviu uma voz e recebeu instruções quanto ao futuro.

Apocalipse 1:9-20 – João teve uma experiência semelhante aos dois primeiros: ouviu uma voz, viu um Ser celestial, caiu com o rosto em terra, foi tocado pelo Ser, que lhe falava e dava uma ordem. No decorrer dos

capítulos 2 e 3, esse Ser é identificado como sendo o glorificado Jesus Cristo.

A expressão “glória do Senhor” ou “Yavé” (*Bíblia de Jerusalém*) é relevante para este estudo. Ela aparece dez vezes em Ezequiel (1:28; 3:12, 23; 10:4, 18; 11:23; 43:4, 5; 44:5); outra expressão parecida – “glória ao Deus de Israel – é encontrada cinco vezes (8:4; 9:3; 10:19; 11:22; 43:2). Em Ezequiel 10:18, 19, ambas expressões são usadas como sinônimas,⁵ referindo-se ao Ser visto no vale do rio Quebar (8:4). Tais expressões indicam que (1) a palavra “glória” é um nome/título dado Àquele que está sentado no trono; (2) a forma possessiva ou genitiva⁶ indica que a referência não é ao Pai, pois se fosse, haveria explicitamente o registro “Yavé”. (3) Contudo, é mencionado que a “glória do Senhor” também é Yavé (YHWH), divino, como é percebido no texto seguinte: “E a glória do Deus de Israel se levantou de cima do querubim, onde havia estado, e se moveu para a entrada do templo. “E o Senhor chamou o homem vestido de linho...” (Ez 9:3).

Há no evangelho de João uma esclarecedora referência a Jesus Cristo e à Sua encarnação. Ali é dito que Cristo manifestou Sua “glória”, “glória como unigênito do Pai” (Jo 1:14); e mais: “Ninguém jamais viu a Deus; o Deus unigênito, que está no seio do Pai, é quem O revelou” (v. 1:18).

Assim, pode-se afirmar que a “glória do Senhor” é o divino Cristo encarnado. No plano de Deus, Cristo Se manifestou aos profetas e homens em semelhança de figura humana, porque Ele é a revelação da Divindade na linguagem humana.⁷ como bem disse o teólogo Gerard van Groningen:

“Foi-lhe lembrada [a Ezequiel] a realeza soberana dAquele que falava como Deus e exercia domínio divino, e que, além disso, estava ‘velado na aparência de homem’. Dessa maneira é expressa a relação entre o divino e o humano. Esses três fatos: realeza, divindade em aparência de carne e a relação entre o divino e o humano são integrais ao conceito messiânico.”⁸

Espírito, o Intérprete

Na Bíblia, a palavra “espírito”⁹ tem vários significados. O *Dicionário Vine*¹⁰ apresenta o conceito do Antigo Testamento sobre “espírito”, que aqui é tratado em síntese: (1) Significa “respiração, ar para respirar, ar que é respirado”; (2) a “palavra é usada com ênfase na qualidade invisível, intangível e passageira do ar”; (3) “vento”; (4) “vento representa direção”; (5) “descreve o elemento de vida no homem, o seu ‘espírito’ natural”, o “fôlego de vida”; (6) “é usado para aludir à mentalidade, disposição ou ‘humor’ do homem, ânimo, espírito voluntário, alegria”; (7) “Espírito de Deus, a terceira Pessoa da Divindade; (8) “os seres imateriais (anjos) no Céu”; (9) “também é usado para mencionar aquilo que habilita o homem a fazer determinado trabalho ou que representa a essência de uma qualidade humana”; exemplo: “espírito de sabedoria” (Dt 34:9).

Depois que Ezequiel recebeu a visão do divino Cristo pré-encarnado, o profeta diz que alguém lhe falou. De quem era a voz? Seu livro registra as ações do “Espírito” como uma pessoa: “Ele me disse: ‘Filho do homem, fique em pé, pois eu vou falar com você’. Enquanto ele falava, o Espírito entrou em mim e me pôs em pé, e ouvi Aquele que me falava. Ele disse: ‘Filho do homem, vou enviá-lo aos israelitas, nação rebelde que se revoltou contra Mim; até hoje eles e os seus antepassados têm se revoltado contra Mim’.” (Ez 2:1-3). Esse texto tem as seguintes expressões para as ações do Espírito: “Falar”, “por em pé” e “entrar no profeta”. Em outros textos, como 3:12-15; 8:1-5; 11:1, 5, as ações são iguais.

“Então o Espírito elevou-me e tirou-me de lá, com o meu espírito cheio de amargura e de ira, e com a forte mão do Senhor sobre mim” (Ez 3:14). Notem as expressões “levantou” “me levou”, também presentes em Ez 3:12, 22-24; 8:1-5; 11:1, 24; 37:1, 2.

“A mão do Senhor estava sobre mim, e por seu Espírito Ele me levou a um vale cheio de ossos. Ele

me levou de um lado para outro... Ele me perguntou: ‘Filho do homem, estes ossos poderão tornar a viver?’... Então ele me disse: ‘Profetize a estes ossos e diga-lhes...’” (Ez 37:1-4). Os verbos “andar”, “perguntar” e “ordenar” aparecem relacionados à ação do Espírito, ou seja, relação de um Ser com personalidade, não de uma energia, força ou virtude.

“Cristo é a revelação da Divindade em linguagem humana”

Que Espírito é esse? “Espírito do Senhor” (Ez 11:5; 37:1); “Espírito de Deus” (Ez 11:29); “Meu Espírito (Ez 36:26, 27; 37:14, 29). O Espírito que age na revelação da “glória do Senhor” é o Espírito do Senhor Deus, identificado como Espírito Santo.

Digna de nota é a expressão “mão do Senhor Deus”, que aparece sete vezes em todo o livro (Ez 1:3; 3:14, 22; 8:1; 33:22; 37:1; 40:1). Três vezes é dito: “veio a mim a mão do Senhor” (Ez 3:22; 37:1; 40:1), e apenas uma vez “esteve sobre ele a mão do Senhor Deus” (Ez 1:3); “mas a mão do Senhor se fez muito forte sobre mim” (Ez 3:14); “a mão do Senhor caiu sobre mim” (8:1); e “a mão do Senhor estivera sobre mim pela tarde” (Ez 33:22).

Pelo contexto das passagens, pode-se ver que tais expressões se referem ao fato de que o profeta foi tomado em visões de Deus, durante as quais recebia revelações da “Palavra do Senhor”¹¹, e que “mão do Senhor” é um dos nomes ou títulos do Espírito de Deus no livro de Ezequiel. Vejamos a seguinte comparação:

“No quinto dia do sexto mês do sexto ano do exílio, eu e as autoridades de Judá estávamos sentados em minha casa quando a mão do Soberano, o Senhor, veio sobre mim. Olhei e vi uma figura como a de um homem. Do que parecia ser a Sua cintura para baixo, ele era como fogo,

e dali para cima Sua aparência era tão brilhante como metal reluzente. Ele estendeu o que parecia um braço e pegou-me pelo cabelo. O Espírito levantou-me entre a terra e o céu e, em visões de Deus, Ele me levou a Jerusalém, à entrada da porta norte do pátio interno, onde estava colocado o ídolo que provoca o ciúme de Deus” (Ez 8:1-3).

“Então o Espírito me ergueu e me levou para a porta do templo do Senhor que dá para o oriente. Ali, à entrada da porta, havia vinte e cinco homens, e vi entre eles Jazarias, filho de Azur, e Pelatias, filho de Benaia, líderes do povo... Então o Espírito do Senhor veio sobre mim e mandou-me dizer: ‘Assim diz o Senhor’” (11:1, 5).

São claros os paralelos entre as duas passagens, sendo que a segunda amplia e esclarece a primeira. Em Ezequiel 8:1, lê-se: “a mão do Soberano, o Senhor, veio sobre mim” (do hebraico *Tipol’alay sham Yad Adonai YHWH*); em Ezequiel 11:5: “Então o Espírito do Senhor veio sobre mim” (do hebraico *Tipol’alay ruah YHWH*). No primeiro caso, temos “mão do Senhor”; no segundo, “Espírito do Senhor”. Em Ezequiel 8:3 é dito que o ato do Espírito do Senhor ter vindo sobre o profeta significa que ele foi tomado em visões de Deus.

O Espírito do Senhor é distinto da “glória do Senhor. Enquanto o profeta via a “glória do Senhor” no Céu, o Espírito do Senhor estava ao lado dele, falando-lhe, pondo-o em pé, levantando-o ou levando-o (Ez 2:1-3; 3:12-15, 22-24). Em outro exemplo, o Espírito pegou o profeta pelos cachos da cabeça, com uma “semelhança de mão”, e o levou para Jerusalém, onde a “glória do Deus de Israel” se achava, esperando o profeta (Ez 8:1-5). Finalmente, quando Ezequiel viu a “glória do Senhor” deixando o templo e a cidade de Jerusalém, o “Espírito de Deus” estava junto ao profeta, levantou-o e o levou até a Caldeia (Ez 11:23-25).

Existem outros contrastes entre o Espírito Santo e Cristo no livro de

Ezequiel. No capítulo 8:1-4, o Espírito do Senhor tomou o profeta em visão. Esse Espírito é visto como um Ser com aparência de fogo. Dos lombos para baixo, fogo. Dos lombos para cima, aparência do resplendor de metal brilhante. Quanto ao Cristo pré-encarnado, tem aparência de homem, está sobre os querubins, assenta-Se sobre um trono semelhante a uma safira, e tem ao Seu redor algo parecido com um arco-íris em resplendor e fogo (Ez 1:26, 28; 2:1, 2).

O Espírito do Senhor Deus tem forma, o que não significa que seja de carne e osso. Ele tem “forma/figura/aparência/silhueta”,¹² “lombos” e “uma semelhança de mão”. Foi assim que o Espírito Santo Se revelou em compreensível linguagem humana, sendo uma Pessoa divina.

O Espírito do Senhor também é chamado de Senhor ou Yavé: “A mão do Senhor estava sobre mim, e por Seu Espírito Ele me levou a um vale cheio de ossos. Ele me levou de um lado para outro, e pude ver que era enorme o número de ossos no vale, e que os ossos estavam muito secos. Ele me perguntou: ‘Filho do homem, estes ossos poderão tornar a viver?’ Eu respondi: ‘Ó Soberano Senhor [Yavé], só Tu o sabes’. Então ele me disse: ‘Profetize a estes ossos e digalhes: Ossos secos, ouçam a palavra do Senhor [Yavé]!’” (Ez 37:1-4).

Logo de início, aparecem as expressões relacionadas com a Pessoa do Espírito Santo: “a mão do Senhor” e “Espírito do Senhor”. Assim, o Espírito de Deus levou o profeta em visão a um vale cheio de ossos. Ali no vale, o profeta andou no meio dos ossos secos, acompanhado pelo Espírito Santo. O Espírito perguntou ao profeta se poderiam revivificar aqueles ossos, e na resposta dada, Ezequiel se referiu a Ele como Deus: “Ó Soberano Senhor [Yavé], Tu o sabes.”

As formas possessivas ou genitivas: “mão de Yavé”, “Espírito de Yavé” e “Espírito de Deus” não indicam que o Espírito seja o Pai nem o Cristo pré-encarnado. É distinto dEles. É divino, tem personalidade, age como

Pessoa, tem forma, explica ao profeta e o capacita para a revelação da Pessoa de Cristo e da mensagem de Cristo e do Pai a Seu povo. É justamente o que ocorre no Novo Testamento (Jo 14-17).

O Pai, Aquele que é revelado

No livro de Ezequiel, a pessoa do Pai está oculta. Temos Suas ações, mas não Sua descrição à semelhança do que acontece em Daniel 7 (“Anção de dias”), em Apocalipse 4 e 5 (“alguém sentado no trono”) ou mesmo parcialmente como em Êxodo 33. As passagens que mostram o Pai agindo e enviando Sua mensagem ao povo estão espalhadas ao longo do livro, sendo que a expressão mais usada é “Senhor Deus”, aproximadamente 200 vezes.

É importante lembrar que nas expressões: “Glória do Senhor” ou “glória do Deus de Israel” (que se referem a Cristo) e “Espírito do Senhor” ou “Espírito do Deus de Israel” (relativas ao Espírito Santo), o Pai que está oculto é revelado nas outras duas Pessoas: Cristo e o Espírito Santo. Assim, estão presentes no livro as três Pessoas da Divindade. Em Ezequiel 11:17-25, elas estão mais explícitas:

“Portanto, diga: ‘Assim diz o Soberano, o Senhor: Eu os ajuntarei dentre as nações e os trarei de volta das terras para onde vocês foram espalhados, e lhes devolverei a terra de Israel. Eles voltarão para ela e retirarão todas as suas imagens repugnantes e os seus ídolos detestáveis. Darei a eles um coração não dividido e porei um novo espírito dentro deles; retirarei deles o coração de pedra e lhes darei um coração de carne. Então agirão segundo os Meus decretos e serão cuidadosos em obedecer às Minhas leis. Eles serão o Meu povo, e Eu serei o seu Deus. Mas, quanto àqueles cujo coração está afeiçoado às suas imagens repugnantes e aos seus ídolos detestáveis, farei cair sobre a sua cabeça aquilo que eles têm feito. Palavra do Soberano, o Senhor.’ Então os querubins, com as rodas ao

lado, estenderam as asas, e a glória do Deus de Israel estava sobre eles. A glória do Senhor se levantou da cidade e parou sobre o monte que fica a leste dela. Então o Espírito de Deus ergueu-me e em visão levou-me aos que estavam exilados na Babilônia. Findou-se então a visão que eu havia tido, e contei aos exilados tudo o que o Senhor tinha me mostrado.”

O Deus revelado no livro de Ezequiel é o Deus triúno. Cada uma das Pessoas da Divindade, em Seu trabalho específico, revela Deus à humanidade. O Deus revelado por Ezequiel é o mesmo Deus que tem falado “muitas vezes e de várias maneiras aos nossos antepassados por meio dos profetas” (Hb 1:1). Ele mostra Seu amor, Sua justiça e misericórdia para com Seu povo no transcorrer da pecaminosa história humana. É o que corrige aqueles a quem Ele ama, age em favor do Seu povo, redime e restaura, concedendo novo coração e a presença do Espírito Santo, a fim de que Seus filhos possam morar com Ele, por meio do trabalho e da graça do Seu Cristo, na terra restaurada. ▀

Referências:

- ¹ *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia* (Buenos Aires, AR: Aces, 1995), v. 4, p. 497, 597, 598.
- ² Ver W. E. Vine, Merrill F. Unger e William White Jr., *Dicionário Vine* (Rio de Janeiro, RJ: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 2005), p. 40, 41.
- ³ Ver Gerard van Groningen, *Revelação Messiânica no Velho Testamento* (Campinas, SP: Luz Para o Caminho, 1995), p. 846-849.
- ⁴ George E. Ladd, *Teologia do Novo Testamento* (São Paulo, SP: Exodus Editora, 1997), p. 148, 149, 229-231.
- ⁵ Ver *Bible Works* (Big Fork, MT: Hermeneutika Computer Bible Research Software, 1998), 4.0 CD-Rom.
- ⁶ Allen P. Ross, *Gramática do Hebraico Bíblico Para Iniciantes* (São Paulo, SP: Editora Vida, 2005), p. 102, 103.
- ⁷ *John Calvin, Commentaries on the Prophet Ezekiel*, citado em Gerard van Groningen, Op. Cit., p. 678.
- ⁸ *Ibid.*, p. 679.
- ⁹ No hebraico a palavra *ruah*; no grego, a palavra *pneuma*.
- ¹⁰ *Dicionário Vine*, p. 113, 114.
- ¹¹ Ver Gerard van Groningen, Op. Cit., p. 671; e *Comentário Bíblico Adventista del Séptimo Dia*, v. 4, p. 604, 611.
- ¹² R. Laird Harris, Gleason L. Archer Jr., Bruce K. Waltke, *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento* (São Paulo, SP: Edições Vida Nova, 1998), p. 1395.



Professora de Humanidades
no Instituto Cristão de
Zaoksky, Rússia

Retrato de um mundo pluralista

Os desafios e oportunidades oferecidos pelo cenário da pós-modernidade à Igreja Adventista

A pesar das previsões em contrário, o interesse mundial na religião está crescendo. Cada vez mais, a religião desempenha papel mais forte e ativo nos assuntos públicos, políticos e sociais. O filósofo alemão Jürgen Habermas aponta três fenômenos que mostram um reavivamento extensivo da religião.¹

Expansão da atividade missionária. As religiões tradicionais do mundo (cristianismo, islamismo, budismo e hinduísmo) têm aumentado o número de membros, em anos recentes, na África, Ásia e América do Sul. Em grande parte, o aumento é devido à flexibilização de formas, disposição para mudar estruturas organizacionais, quando necessário, e adaptabilidade da missão e do testemunho às necessidades locais. Por exemplo, de acordo com Habermas, a multicultural Igreja Católica Romana adapta mais rapidamente que as igrejas protestantes, o que resulta em crescimento do número de seus adeptos. As mais dinâmicas estruturas descentralizadas são vistas entre os islâmicos na África subsaariana e entre evangélicos na América Latina.

Radicalização e fundamentalismo. O aumento do fundamentalismo é comum no cristianismo e no islamismo. Isso leva a uma mistura de ênfase sobre espiritualidade, missão, moral rigorosa e interpretação literal das Escrituras. Outra característica desses movimentos fundamentalistas é sua forma desinstitucionalizada.

Uso político do potencial de violência religiosa. O regime iraniano e o terrorismo islâmico são as manifestações mais claras dessas tendências. Muito frequentemente, os conflitos são seculares em suas raízes e ganham nova força depois que são codificados em termos religiosos. Exemplos disso são a dessecularização do conflito no Oriente Médio, a contenda entre Paquistão e Índia, e a mobilização das forças religiosas de direita nos Estados Unidos na véspera da guerra do Iraque.

Esse quadro geral harmoniza facilmente o processo de reconfiguração do espaço religioso no mundo atual. Vamos revisar algumas das tendências que influenciam esse processo.

“Mercado religioso”

A primeira tendência pode ser definida como redistribuição da divisão do “mercado religioso”. De acordo com *Global Christianity*, “o número de cristãos no mundo mais que triplicou nos últimos cem anos, de aproximadamente 600 milhões em 1910, para mais de dois bilhões em 2010. Mas, a população do mundo também tem aumentado rapidamente, de estimados 1.8 bilhão em 1910 para 6.9 bilhões em 2010. Como resultado, os cristãos perfazem cerca da mesma porção da população mundial hoje (32%) em relação a um século atrás (35%).

“Entretanto, essa aparente estabilidade disfarça uma significativa mudança. Embora a Europa e as Américas ainda tenham a maioria dos cristãos no mundo (63%), esse percentual é muito mais baixo do que em 1910 (93%). E a proporção de europeus e americanos cristãos caiu de 95% em 1910, para 76% em 2010, na Europa como um todo, e de 96% para 86%, nas Américas. Ao mesmo tempo, o cristianismo tem crescido na África subsaariana e na

região Ásia-Pacífico, onde havia relativamente poucos cristãos no início do século 20”.²

A taxa de crescimento do cristianismo, atualmente em 1.35% – que o mantém como líder das religiões do mundo – é mais baixa que a taxa de crescimento da população mundial, 2.6%. Ao mesmo tempo, o islamismo e o budismo, segunda e terceira maiores religiões do mundo em termos de seguidores, crescem mais rapidamente do que a taxa da população mundial. Pesquisadores preveem que, a continuação dessa tendência levará ao aumento de 35% da população muçulmana, em 2030, e compreenderá 26.4% (2.2 bilhões) da população prevista do mundo (8.3 bilhões).³ Quando Samuel Huntington previu essa tendência na metade dos anos 1990, ele mencionou que o cristianismo crescerá por causa de conversão, enquanto o islamismo crescerá pela conversão e reprodução.⁴ As estatísticas mostram que ele estava certo.

Pesquisas sobre as mudanças nas porções mundiais de cristianismo e islamismo mostram a influência da migração de países em desenvolvimento para o Ocidente. Os imigrantes levam consigo sua religião, produzindo uma reconfiguração do cenário cultural dos países que os recebem.

Igrejas cristãs independentes

A segunda tendência é a formação das assim chamadas igrejas cristãs independentes.

Esse processo teve início nos anos 1980 nos países em desenvolvimento. No fim do século 20, o número de cristãos novos ou “independentes” alcançou 386 milhões.⁵ Esse número é maior que o de protestantes (342 milhões) e chega perto da denominação católica (1 bilhão).

David Barrett, que tem estudado as religiões do mundo por 40 anos e tem observado detidamente a formação das igrejas independentes, chega a duas conclusões. Primeira: Essas igrejas são completamente diferentes de sua igreja “mãe” ocidental. A

diferença fica aparente em sua adesão mais conservadora aos princípios morais, regulamentos eclesiásticos e submissão à autoridade de sacerdotes e bispos, maior que outros cristãos. Também é vista em sua ligação íntima com o estrato mais pobre da sociedade, enquanto a maioria dos novos cristãos é extremamente pobre, segundo os padrões ocidentais.

Segunda: Essas novas igrejas identificam-se como pós-denominacionais e sem laços formais com qualquer estrutura da cristandade. Mas elas adotam técnicas ocidentais de formação de seus contatos. Isso contribui para o êxito e expansão delas. É possível concluir que essa nova tendência pode ser comparada à disseminação do protestantismo e dos protestantes no século 16.

Cristãos e islâmicos

A terceira tendência é uma mudança da população cristã para o hemisfério sul, enquanto os islâmicos se mudam para o hemisfério norte.

Essa tendência está intimamente relacionada com a demografia, migração e as novas tendências no cristianismo. Muitos eruditos dizem que o mundo cristão crescerá por causa dos países em desenvolvimento. Alexey Pimenov, professor na Universidade George Washington, resumiu os dados de centros de pesquisas nos Estados Unidos e concluiu que, em 15 anos, o número de cristãos no mundo atingirá 2.5 bilhões e haverá três grupos principais: o maior deles será de latino-americanos (640 milhões), o seguinte será de africanos (630 bilhões); então, o de europeus (555 bilhões).⁶

De acordo com Peter Berger, “o cristianismo está crescendo mais rápido na África subsaariana do que em qualquer outra parte da Terra... a uma taxa de 3.% ao ano... [compare isso com] 2.% na América Latina e Ásia, e menos que 1% na Europa e América do Norte. A proporção de africanos cristãos em relação a todos os cristãos cresceu de um para dez, em 1970, para um para cinco hoje.

A partir das tendências atuais, os cristãos africanos excedem o número de crentes europeus, colocando-os em segundo lugar depois da América Latina”.⁷ Assim, por volta de 2050, metade da população cristã (cerca de 50%) viverá na América Latina (México, Brasil), África (Nigéria, Etiópia) e nas Filipinas.

Portanto, podemos concluir que a reconfiguração do espaço religioso que tem acontecido nas últimas décadas tem levado a sérias mudanças em correlação das religiões globais, incluindo a paridade islamismo-cristianismo, e tem mudado o próprio *status* global do cristianismo. O modelo de cristianismo do hemisfério sul está se tornando mais e mais predominante. Isso acontece por causa de fatores demográficos e econômicos. Como resultado, o modelo do hemisfério sul influencia as características qualitativas do cristianismo. O modelo europeu/ocidental perde seu potencial.

Os adventistas no quadro

Mas, onde os adventistas estão situados nessa reconfiguração do quadro religioso, particularmente entre os protestantes? De acordo com o Centro de Estudos do Cristianismo Global,⁸ os adventistas ocupam o oitavo lugar na lista, com 2.7% do total de membros protestantes. Com essa proporção, obviamente, há um enorme desafio na tentativa de influenciar as tendências religiosas globais. Esse quadro nos imprime a conscientização de que ainda temos muito a fazer no sentido de cumprir a missão que reivindicamos, como igreja remanescente, de chamar as pessoas a fim de que se unam a nós. De acordo com a interpretação tradicional adventista das profecias, não há outra igreja remanescente comissionada a proclamar ao mundo a mensagem do fim dos tempos. Não podemos falhar nesse ponto.

Depois de considerarmos as tendências no mundo religioso pós-moderno, vejamos algumas perspectivas gerais muito realistas para a igreja com 2.7% de todos os evangélicos.

Em primeiro lugar, temos que aceitar o que Ellen G. White afirmou ainda no alvorecer do movimento adventista: “Há hoje em cada terra os que são honestos de coração, e sobre esses a luz do Céu está brilhando. Se eles continuarem fiéis em seguir o que entendem ser o dever, será dada a eles luz adicional, até que, como Naamã no passado, sejam constrangidos a reconhecer que ‘em toda a Terra não há Deus’, senão o Deus vivo, o Criador.”⁹

A aplicação dessa inspirada verdade ao mundo pós-moderno é clara. A luz de Deus brilha em todo lugar e há muitos que estão dispostos a aceitá-la. Os adventistas não necessitam questionar a plenitude da verdade divina que receberam. Diante das condições mencionadas, eles devem aceitar a responsabilidade de compartilhar essa verdade, na base do diálogo. Como forma de comunicação, o diálogo assume a existência de respeito e tolerância entre as partes, com o pressuposto de que não é necessário aceitar opiniões que contradigam verdades bíblicas. Porém, como adventistas, não devemos erguer barreiras à nossa comunicação com outros cristãos.

Em segundo lugar, a disposição de cooperar é um fator que nos ajudará a atrair a nós outros evangélicos. Sendo uma das mais jovens igrejas evangélicas, nossa atividade missionária teve início mais tarde que em outras igrejas. Talvez por isso mesmo, deveríamos interagir com elas, numa troca de experiências. É certo que nessa aproximação, aprenderemos alguma coisa e também ensinaremos alguma coisa.

Em terceiro lugar, frequentemente citamos as palavras inspiradas sobre o melhor método de cumprir a missão: “Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador Se misturava com os homens como uma Pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: ‘Siga-Me.’”¹⁰

De que maneira podemos aplicar esse conselho no enfrentamento dos desafios implícitos nas tendências anteriormente mencionadas?

Começando com o crescimento do cristianismo no hemisfério sul, devemos lembrar que esse crescimento envolve a faixa mais pobre da população, as pessoas que não têm acesso à educação apropriada, assistência médica, bem-estar social. Não raramente, as igrejas se tornam uma sociedade alternativa para pessoas nos países em que o governo não consegue resolver muitos problemas. Em muitas dessas comunidades, Jesus Cristo é apresentado como uma encarnação do poder divino para vencer espíritos maus, bruxaria, feitiçaria, demônios de doenças, pobreza e imoralidade. Ele opera cura física e espiritual por meio da pregação do novo cristianismo. Por isso, centenas de milhares de pessoas creem fervorosamente em Jesus, mas O compreendem segundo suas tradições como um grande curandeiro. Nada mais.

Aqui, os adventistas podem oferecer uma perspectiva alternativa de Jesus Cristo e perspectiva de vida em geral, usando hospitais, centros educacionais, programas comunitários. Esses são meios de evangelismo em longo prazo, em comparação às campanhas evangelísticas quando os resultados aparecem depois de algumas semanas de pregação. Mas eles se tornam fontes permanentes da verdadeira luz durante meses e anos, e ajudam a estabelecer nascimentos da água viva, através das quais pessoas que as visitam podem se tornar clientes, amigos e, finalmente, portadores de luz.

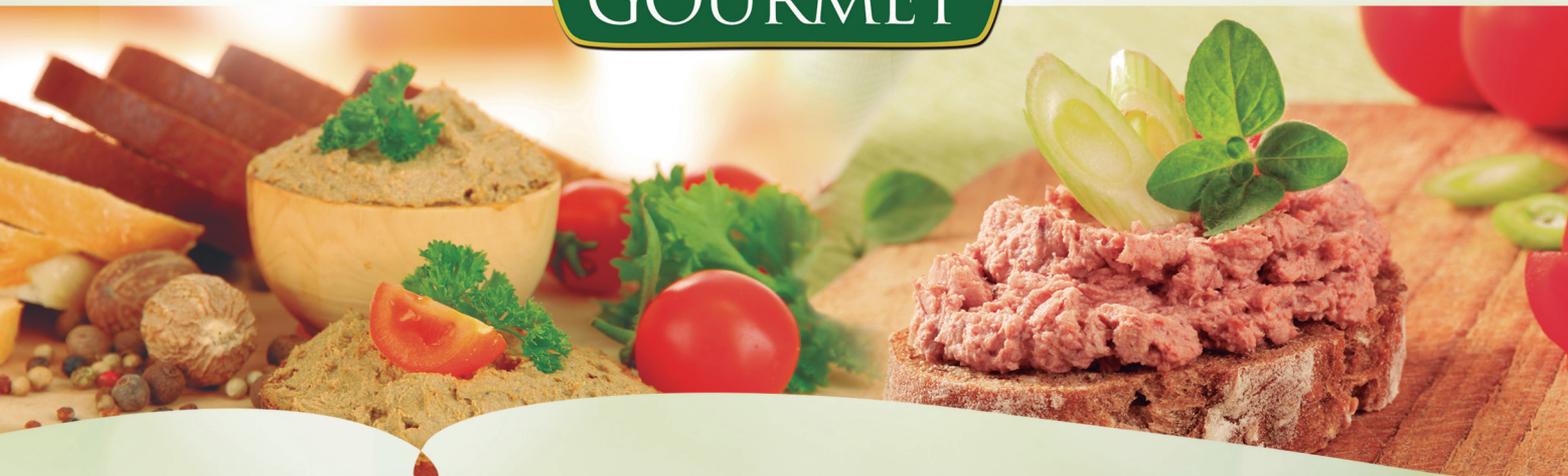
Quanto à população muçulmana, o grande problema é a migração laboral. Na Rússia, por exemplo, há 20 milhões de muçulmanos, ou 14% da população. Por volta do ano 2030, prevê-se que haverá um crescimento para 19%.¹¹ A maioria desses migrantes é composta por homens que chegam para ganhar dinheiro a fim de sustentar a família que ficou no Tadjiquistão,

Uzbequistão ou Quirguistão. Sua primeira e maior necessidade é aprovação no exame do idioma russo, para conseguir tirar documentos. Algumas autoridades locais desenvolvem programas tentando apoiar esses migrantes e treiná-los. Mas, a carga é muito pesada para ser levada apenas por uma parte. Essa é uma boa oportunidade para que os adventistas habilitados cooperem, usando diálogos sobre temas espirituais. A mesma coisa pode ser feita em outros países em que haja comunidades necessitadas de familiaridade com o idioma local e outros idiomas.

Como foi visto, nosso mundo pluralístico apresenta muitos desafios para os adventistas. Alguns deles são muito sérios e seu enfrentamento pode requerer grandes recursos financeiros, humanos e intelectuais. Ao mesmo tempo, a visão mundial da pós-modernidade sugere grandes oportunidades as quais, sabiamente aproveitadas, podem gerar estupendos resultados. A Igreja Adventista do Sétimo Dia tem todos os recursos necessários para enfrentar as atuais circunstâncias e cumprir sua missão. “O que é impossível para os homens é possível para Deus” (Lc 18:27). ▀

Referências:

- ¹ Jürgen Habermas, *Reset: Dialogues of Civilizations*, Istanbul, 2/06/2008; www.russ.ru/pole/Protiv.
- ² *Pew Research: Religion & Public Life Project*, www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-regions. Acessado em 27/12/2012.
- ³ *Ibid.*, www.pewforum.org/2011/12/28/resources-on-the-future-of-the-global-muslim-population. Acessado em 10/01/2013.
- ⁴ Samuel Huntington, *Foreign Affairs* 72, 3, 1993, p. 22-49.
- ⁵ *World Christian Encyclopedia*, 4.
- ⁶ Alexsey Pimenov, *On the Way to the Global Religious Conflict*, www.moldova.ru/index.php?tabName=articles&owner=58&id=753. Acessado em 20/12/2010.
- ⁷ Peter L. Berger e Samuel P. Huntington, *Many Globalizations: Cultural Diversity in the Contemporary World* (Oxford: Oxford University Press, 2002), p. 229, 230.
- ⁸ *Pew Research: Religion & Public Life Project*, www.pewforum.org/2011/12/19/global-christianity-movements-and-denominations. Acessado em 28/12/2012.
- ⁹ Ellen G. White, *Profetas e Reis*, p. 253.
- ¹⁰ _____, *A Ciência do Bom Viver*, p. 143.
- ¹¹ Alexander Panov, *Novaya Gazeta*, 10-17/01/2013, p. 9.



Patês vegetarianos para pessoas de paladar refinado

NÃO CONTÉM GLÚTEN



Lançamento disponível nas seguintes redes

DIAS PASTORINO - HIPPO SUPERMERCADOS - SONDA SUPERMERCADOS - LINEA VERDE - FUTURAMA SUPERMERCADOS - DARLEY PRODUTOS NATURAIS - EMPÓRIO DO ARROZ INTEGRAL - EMPÓRIO NATURAL - VIA VERDE PRODUTOS NATURAIS - ST MARCHE EXTRA - PÃO DE AÇUCAR - ZAFFARI - MUFFATO - COOP - SAVEGNAGO - LOPES - DAVÓ - VARANDA - MASTER - MUNDO VERDE.

em breve em mais lojas para você

R. Domingos Peixoto da Silva, 245 - Capão Redondo - São Paulo, SP | (11) 2842-1800 - www.superbom.com.br
SuperbomBR | f t i You Tube in | #porqueviverbom

Qualidade de vida é
Superbom

Sucesso, a que preço?

Chek Yat Phoon e Sally Lam-Phoon

Respectivamente diretor de Educação e diretora do Ministério da Família e Afam, na Divisão do Pacífico Norte da Ásia

No imenso telão, *flashes* com imagens de pastores de sucesso eram apresentados em meio a estrondosos aplausos de centenas de pessoas presentes à assembleia. Contudo, poucos foram tão aplaudidos como o pastor Mack. Ela tinha viajado muito, ficando longe da família durante meses, trabalhando na obra de Deus. Pastor Khoo também foi muito festejado por causa dos muitos batismos realizados. Ele era profundamente amado pelos jovens. Ensinava-os, brincava com eles, atendia cuidadosamente as necessidades deles.

Lúcifer estava rindo consigo mesmo, satisfeito com os resultados da tática projetada por sua mente maligna com a qual ele pretende surpreender homens talentosos e sérios, envolvidos na causa de Deus. Ele sabe que, em vez de deixá-los centralizados no verdadeiro significado da liderança cristã, uma estratégia mais eficaz é permitir que a exerçam muito bem, mas saboreiem tanto o sucesso que ele se torne a força motriz de seu ministério. Ou seja, fixá-los no *fazer* e levá-los a se esquecerem do *ser*.

Enquanto o pastor Mack desfrutava seu ministério, a esposa lutava contra a depressão, esforçava-se para cuidar de dois filhos pequenos, das tarefas domésticas e da mãe doente. Sendo esposa de pastor, escondia sua desilusão enquanto tentava parecer feliz e atenciosa diante de pessoas que não viam suas lágrimas.

A Sra. Khoo andava muito preocupada com a saúde de seu esposo pastor. Não havia dúvida de que o grande sucesso obtido por ele nos últimos anos havia cobrado seu preço, e ele estava fisicamente esgotado. As olheiras denunciavam o repouso e sono inadequados. O casal havia discutido muito sobre trabalho, alimentação e estilo de vida. Isso inevitavelmente arranhou o relacionamento,

a ponto de a Sra. Khoo ter pensado seriamente em deixar o esposo. Hesitou, entretanto, ao pensar na vocação dele. A infelicidade dela era óbvia para os membros da igreja e muitos a criticavam pelo suposto desejo de dominá-lo.

Junto aos problemas de saúde, Ming, o filho pré-adolescente andava em más companhias, tendo chegado a experimentar álcool e outras drogas. Embora o pastor Khoo tivesse pouco tempo e energia para o filho, não os economizava no ministério e no atendimento às necessidades dos membros.

Esses casos nos chamam a atenção para o pastor como pessoa, ser humano falível igual a qualquer membro de sua congregação. Embora tenha sido chamado por Deus para servir Seu povo, o pastor sempre deve se lembrar de que não é anjo nem Deus. Ele vive em uma corda-bamba, devendo manter equilíbrio entre muitas áreas da vida, tais como crescimento e santificação pessoal, relação correta entre ser e fazer, e priorização dos relacionamentos familiares. Nenhum grau de sucesso compensa o fracasso em nenhuma dessas áreas.

O pastor

Sou pastor, a face da igreja, a voz de Deus.

Em mim, os homens veem o evangelho pregado e vivido, o caminho trilhado pelo Mestre, a lei cumprida.

Se eu, de algum modo, falhar no teste,

então, aos olhos humanos, Deus também terá falhado.

A culpa cairá em todo o ministério.

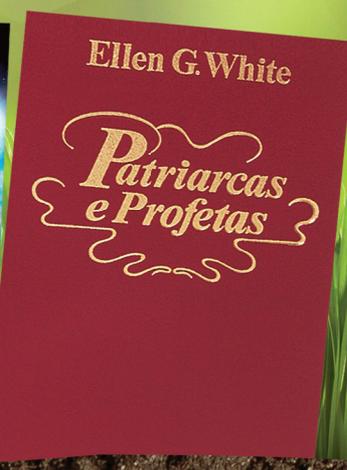
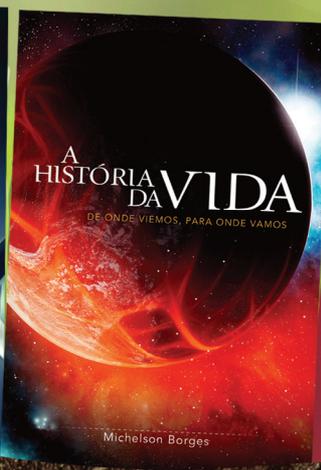
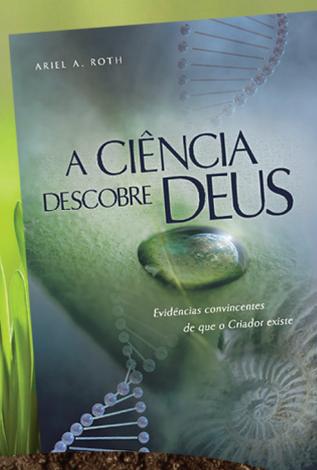
E na cruz, nosso Senhor novamente será pregado. (E. E. Cleveland)

Algumas perguntas não vão simplesmente desaparecer. No entanto, a própria ciência está oferecendo respostas.

Este livro responde vinte perguntas sobre fé e ciência com as quais os cristãos se deparam com frequência.

Esta obra reúne o que há de mais atual com respeito à controvérsia entre criacionismo e evolucionismo.

Acompanhe a vida patriarcal e a maneira dramática como Deus guiou Israel através do deserto.



De onde viemos
e para onde vamos?

Descubra

Suas Raízes

KARL BARTH E SUA INFLUÊNCIA NA TEOLOGIA LATINO-AMERICANA

Manoel Bernardino de Santana Filho, ASTE, São Paulo, SP, tel.: (11) 3257-5462, www.aste.org.br, 426 páginas.

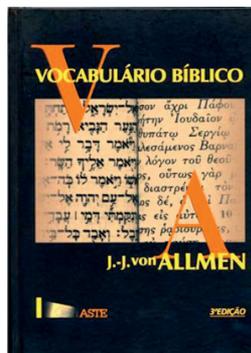


Esse livro traz uma contribuição importante ao ensino e à pesquisa teológica no Brasil, pois permite que o público tome conhecimento do pensamento e da trajetória de um teólogo protestante eminente como foi Karl Barth. Embora seja muito citado no Brasil, é quase desconhecido em sua teologia e como motivador dos teólogos latino-americanos. O livro incentiva

novas pesquisas na área da relação entre igreja e sociedade, fé e vida, Palavra de Deus e a palavra humana.

VOCABULÁRIO BÍBLICO

J. J. Von Allmen, ASTE, São Paulo, SP, 626 páginas.



Consciente de seu constante dever de encorajar filólogos, exegetas e historiadores a multiplicar suas pesquisas, a igreja não desconhece que também é sua obrigação pôr ao alcance dos estudiosos os frutos de trabalhos especializados. Prova disso é esse livro. Ele foi preparado com o objetivo de ajudar o maior número de leitores, contextualizá-los no mundo

da revelação, tornando-os mais versados na compreensão da mensagem bíblica.

A NATUREZA MISSIONÁRIA DA IGREJA

Johannes Blauw, ASTE, São Paulo, 184 páginas.



Apresenta as melhores contribuições teológicas da época do autor, principalmente europeias. Seu teor tem duas finalidades: primeira, demonstrar a necessidade de integrar a reflexão teológica acadêmica com a prática missionária. Segunda: sugerir alguns caminhos importantes na elaboração de uma reflexão bíblica de missão.

PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO PARA IGREJAS

Josué Campanhã, Editora Hagnos, São Paulo, SP, tel.: (11) 5668-5668, hagnos@hagnos.com.br, 361 páginas.



Muitos pastores e igrejas se equivocam por não terem uma visão nítida de onde querem chegar. O objetivo desse livro é ajudar pastores e líderes que estão nessa situação. O livro se propõe a ajudar líderes que desejam levar suas igrejas e organizações a atingir alvos maiores e de maior impacto para o reino de Deus.



Herbert Boger

Secretário ministerial associado da Divisão Sul-Americana

A alegria de Deus em nós

Em sua terceira epístola, João escreveu: “Não tenho alegria maior do que ouvir que meus filhos estão andando na verdade” (3Jo 4). Esse também é o sentimento de Deus a nosso respeito e jamais podemos nos esquecer disso. Enquanto andamos com Jesus, nossa vida reflete essa alegria e a revelamos por meio de pelo menos três atitudes.

Prazer na comunhão. O mesmo desejo alimentado pelo salmista deve ser nosso desejo: “Como a corça anseia por águas correntes, a minha alma anseia por Ti, ó Deus. A minha alma tem sede de Deus, do Deus vivo” (Sl 42:1, 2). E Deus, certamente, o satisfará: “Sou Eu que conheço os planos que tenho para vocês”, diz o Senhor, ‘planos de fazê-los prosperar e não de lhes causar dano, planos de dar-lhes esperança e um futuro. Então vocês clamarão a Mim, virão orar a Mim, e Eu os ouvirei. Vocês Me procurarão e Me acharão quando Me procurarem de todo o coração” (Jr 29:11-13).

Portanto, “consagrem-se a Deus pela manhã; façam disto sua primeira tarefa. Seja sua oração: “Toma-me, Senhor, para ser Teu inteiramente. Aos Teus pés deponho todos os meus projetos. Usa-me hoje em Teu serviço. Permanece comigo, e permite que toda a minha obra se faça em Ti.’ Essa é uma questão diária. Cada manhã consagrem-se a Deus para esse dia. Submetam-Lhe todos os seus planos, para que se executem ou deixem de se executar, conforme o indicar a Sua providência. Assim, dia a dia vocês poderão entregar às mãos de Deus a própria vida, e assim ela se moldará mais e mais segundo a vida de Cristo” (Ellen G. White, *Caminho a Cristo*, p. 70).

Prazer na transformação pessoal. “Jesus quer que sejamos felizes, mas não o podemos ser seguindo a própria vontade e os impulsos do próprio coração... Nossas noções, nossas peculiaridades, são inteiramente humanas e não devem ser satisfeitas nem tratadas complacentemente. O eu precisa ser crucificado, não de quando em quando, mas a cada dia, e o físico, a mente

e o espírito precisam subordinar-se à vontade de Deus. A glória de Deus, a perfeição do caráter, eis o que deve constituir o alvo, o desígnio da nossa vida. Os seguidores de Cristo precisam imitá-Lo na disposição... Semelhante a Cristo, eis a divisa, não ser como nosso pai ou nossa mãe, mas semelhantes a Jesus Cristo – ocultos em Cristo, revestidos da justiça de Cristo, possuídos de Seu Espírito” (Ellen G. White, *Nossa Alta Vocação* [MM 1962], p. 27).

Diz-nos o apóstolo Paulo: “Se alguém está em Cristo, é nova criação. As coisas antigas já passaram; eis que surgiram coisas novas!” (2Co 5:17).

“Não podemos ser felizes seguindo os impulsos do próprio coração”

Prazer na missão. “Cada raio de luz lançado sobre outros será refletido sobre nosso próprio coração. Cada palavra de bondade e compaixão proferida aos tristes, cada ação que vise a aliviar os oprimidos, e cada doação para

suprir as necessidades de nossos semelhantes, dados ou feitos para glorificar a Deus, resultarão em bênçãos para o doador. Os que assim trabalham, estão obedecendo a uma lei do Céu e receberão a aprovação de Deus. O prazer de fazer o bem aos outros comunica aos sentimentos calor que atravessa os nervos, aviva a circulação do sangue e promove saúde mental e física” (Ellen G. White, *Testemunhos Para a Igreja*, v. 4, p. 56).

Em medida infinitamente superior à alegria sentida por João, é a alegria de Deus ao ver que Seus filhos andam na verdade, espargindo luz em meio às trevas. Conforme vimos, essa alegria deve ser patente em nosso desejo de estar sempre com Jesus, ao imitá-Lo de tal maneira que inspiremos outros a fazer o mesmo: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (1Co 11:1), Paulo desafiou seu rebanho em Corinto. Finalmente, nosso ministério também refletirá, em relação a outros, a alegria de Deus em trabalhar por nós. “Pastoreiem o rebanho de Deus que está aos seus cuidados. Olhem por ele, não por obrigação, mas de livre vontade, como Deus quer” (1Pe 5:2).

Que o Senhor nos permita revelar ao mundo esse estilo de vida! ▮

Série LOGOS

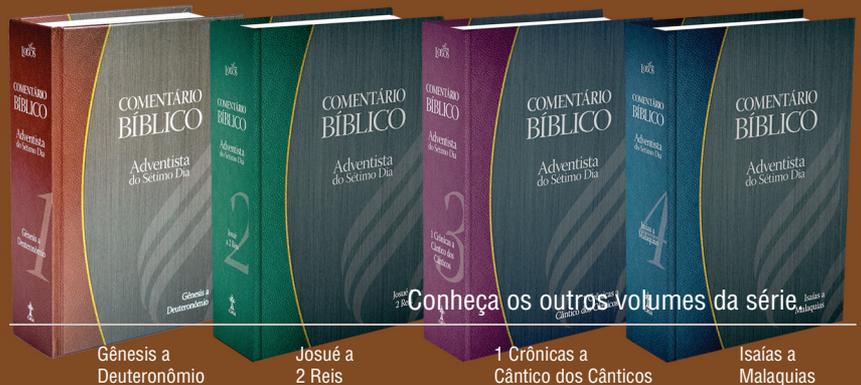
AMPLIE SUA COMPREENSÃO DOS
TEMAS ESTUDADOS NA LIÇÃO DA
ESCOLA SABATINA E OFEREÇA MAIS
CONHECIMENTO AOS SEUS ALUNOS.

Douglas Assunção / Imagem: Fotolia



Adquira o sexto
volume da coleção
abordando os livros
de Atos a Efésios.

Cada volume da *Série Logos* oferece a você uma variedade de artigos que abordam diferentes aspectos da história, arqueologia, cultura e formação do texto e do cânon das Escrituras. Mapas, diagramas e ilustrações também ajudam o leitor a visualizar e entender diversos aspectos históricos, geográficos e culturais relacionados com o texto sagrado. Outra contribuição importante dessa obra consiste no material suplementar que relaciona o texto bíblico e os escritos de Ellen G. White.



Conheça os outros volumes da série

Gênesis a
Deuteronômio

Josué a
2 Reis

1 Crônicas a
Cântico dos Cânticos

Isaías a
Malaquias

Ligue
0800-9790606*

@casapublicadora

Acesse
www.cpb.com.br

cpb.com.br/facebook

Ou dirija-se a uma das livrarias da CPB
Consulte a relação de endereços no site www.cpb.com.br

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h
Sexta, das 8h às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h

 CPB